

Ronaldo Pereira Martins

**AS TROCAS INFORMACIONAIS E A  
PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO:  
Um estudo sobre as interações no  
ambiente das ONGs**

Belo Horizonte

Escola de Ciência da Informação/UFMG

2007

Ronaldo Pereira Martins

**AS TROCAS INFORMACIONAIS E A  
PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO:  
Um estudo sobre as interações no  
ambiente da ONGs**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Escola de Ciência da Informação da UFMG, sob orientação da Professora Dra. Ana Maria Rezende Cabral, como requisito para a obtenção do título de mestre.

Belo Horizonte  
Escola de Ciência da Informação/UFMG  
2007

Martins, Ronaldo Pereira  
M379 As trocas informacionais e a produção de conhecimento: um estudo sobre as interações no ambiente das ONGs / Ronaldo Pereira Martins. – Belo Horizonte, 2007.  
f.

1. Informação. 2. Conhecimento. 3. Organizações Não-Governamentais. 4. Interações Sociais. I. Título. II. Ana Cabral. III. Universidade Federal de Minas Gerais

CDU 338.46



Universidade Federal de Minas Gerais  
Escola de Ciência da Informação  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Dissertação defendida e aprovada, em \_\_\_\_ de abril de 2007, pela banca examinadora constituída pelos professores:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Maria Rezende Cabral – Orientadora

---

Profa. Dra. Simone Cristina Dufloth (Fundação João Pinheiro)

---

Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis (ECI - UFMG)

---

Profa. Dra. Maria Guiomar da Cunha Frota (ECI - UFMG)

***Para Paulacir, Júlia e Beatriz,  
mulheres que me acompanham por onde quer que eu ande.***

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Ana Cabral, que me fez conhecer a Ciência da Informação;

À Visão Mundial, que me possibilitou investir tempo nas reflexões desta pesquisa;

A Sueli Catarina e Adriana Andrade, colegas de trabalho que, desde o primeiro momento, ofereceram apoio fundamental para a realização da pesquisa;

A Maria José Alves Soares (Zezé) e Miriam de Araújo Cabral, coordenadoras do Projeto Maternidade Saudável, que não mediram esforços para auxiliar nas atividades da pesquisa;

Às adolescentes e jovens que aceitaram compartilhar as experiências aqui relatadas;

Às educadoras e profissionais que contribuíram com suas reflexões sobre o processo de aprendizado no Projeto Maternidade Saudável;

Aos colegas de mestrado, que sempre me ajudaram a encarar os desafios da Ciência da Informação.

**Turma da Mônica** Mauricio de Sousa



## RESUMO

A presente dissertação investiga a possibilidade de internalização de conhecimentos para a transformação social por meio das trocas informacionais estabelecidas no âmbito dos projetos desenvolvidos por organizações não-governamentais (ONGs). A pesquisa foi realizada a partir de um estudo de caso no Projeto Maternidade Saudável, desenvolvido na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, com a finalidade de orientar adolescentes e jovens sobre os cuidados com a gravidez e com o recém-nascido, além de possibilitar a compreensão e aceitação da realidade vivida. Buscou-se compreender os fatores que contribuíram para uma melhor assimilação dos conhecimentos compartilhados entre as educadoras e as participantes do projeto, tomando-se como pressuposto uma abordagem social da informação, na qual o elemento informacional não é percebido como um aparato de transmissão automática de novos conhecimentos, mas como uma possibilidade de sentido, que se concretiza a partir das interações sociais. Os resultados da pesquisa demonstraram que, além de aspectos relacionados com o indivíduo, como o nível educacional, existem outros fatores fundamentais para que as informações se constituam em aprendizado, tais quais: a inserção social; o acesso a fontes variadas de informação; e a capacidade de conectar passado, presente e futuro.

Palavras-Chave: Informação, Conhecimento, ONGs, Interações Sociais.

## **ABSTRACT**

*The present dissertation investigates the possibility of internalization of knowledge for the social transformation by the established informational exchange in the scope of the projects developed by Non-governmental organizations. The research was fulfilled from a study of case in the Projeto Maternidade Saudável, developed in the north zone of Rio de Janeiro City, with the purpose to guide adolescents and young people on the care with pregnancy and the just-been born one, beyond making possible the understanding and acceptance of the lived reality. It was searched to understand the factors that had contributed for a better assimilation of shared knowledge between the educators and the participants of the project, taking as a presupposition a social approach of the information, in which the informational element is not perceived as an apparatus of automatic transmission of new knowledge, but as a possibility of sense, that is concretized by the social interactions. The results of the research had demonstrated that – besides aspects related to the individual – other basic factors exist, namely: the social insertion; the access to the varied sources of information; and the capacity of connecting past, present and future.*

*Key-words: Information, Knowledge, NGO's, Social Interactions.*

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Qualificação da amostra.....	81
TABELA 2: Fatores de decisão para participação no projeto.....	86
TABELA 3: Resultados da participação no projeto.....	91
TABELA 4: Importância das informações compartilhadas.....	93
TABELA 5: Fatores de aprendizado.....	94
TABELA 6: Fatores relevantes para a assimilação de conhecimentos.....	97
TABELA 7: Dificuldades para aprender os ensinamentos.....	98
TABELA 8: Processo de transmissão das informações.....	99
TABELA 9: Dificuldade de aprendizado, por nível de escolaridade.....	100
TABELA 10: Compartilhamento das informações, por nível de escolaridade.....	101
TABELA 11: Motivação das participantes, por nível de escolaridade.....	102
TABELA 12: Aspectos mais importantes para o aprendizado.....	103
TABELA 13: Compreensão sobre o presente.....	107
TABELA 14: Expectativas sobre o futuro.....	107

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1: Envolvimento em atividades comunitárias.....</b>	<b>82</b>
<b>GRÁFICO 2: Qualidade do relacionamento com o pai da criança.....</b>	<b>84</b>
<b>GRÁFICO 3: Qualidade do relacionamento com a família.....</b>	<b>84</b>
<b>GRÁFICO 4: Mudança no relacionamento com a família.....</b>	<b>89</b>
<b>GRÁFICO 5: Mudança no relacionamento com o pai da criança.....</b>	<b>89</b>
<b>GRÁFICO 6: Contribuição do Projeto Maternidade Saudável para a melhoria dos relacionamentos.....</b>	<b>90</b>
<b>GRÁFICO 7: Busca de informações em outras fontes.....</b>	<b>104</b>
<b>GRÁFICO 8: Fontes de informação.....</b>	<b>105</b>

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2. A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A QUESTÃO DO CONHECIMENTO.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1 A INFORMAÇÃO EM UMA PERSPECTIVA COGNITIVISTA.....</b>	<b>23</b>
<b>2.2 A ÊNFASE NOS SISTEMAS DE RECUPERAÇÃO DE INFORMAÇÕES...</b>	<b>27</b>
<b>2.3 DA ABORDAGEM TECNOLÓGICA À VISÃO SOCIAL.....</b>	<b>30</b>
<b>2.4 A EPISTEMOLOGIA SOCIAL DE SHERA.....</b>	<b>35</b>
<b>2.4.1 A BIBLIOTECONOMIA E A EPISTEMOLOGIA SOCIAL.....</b>	<b>37</b>
<b>2.5 O CONHECIMENTO NA MODERNIDADE.....</b>	<b>39</b>
<b>2.6 INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO.....</b>	<b>43</b>
<b>2.7 NARRATIVA E CONHECIMENTO NO CAMPO SOCIAL.....</b>	<b>47</b>
<b>3. AS INTERAÇÕES SOCIAIS NO TERCEIRO SETOR.....</b>	<b>51</b>
<b>3.1 O CONCEITO DE TERCEIRO SETOR.....</b>	<b>52</b>
<b>3.2 AS ORGANIZAÇÕES NÃO- GOVERNAMENTAIS E O ESPAÇO PÚBLICO.....</b>	<b>53</b>
<b>3.3 A ATUAÇÃO DAS ONGs.....</b>	<b>58</b>
<b>4. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>63</b>
<b>4.1 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO.....</b>	<b>68</b>
<b>4.1.1 A VISÃO MUNDIAL NO BRASIL.....</b>	<b>70</b>
<b>4.1.2 PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DE ÁREA.....</b>	<b>71</b>
<b>4.1.3 PROJETO MATERNIDADE SAUDÁVEL.....</b>	<b>72</b>
<b>4.2 INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>75</b>
<b>5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>80</b>
<b>5.1 CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA.....</b>	<b>81</b>
<b>5.2 A AVALIAÇÃO DO PROJETO.....</b>	<b>85</b>
<b>5.3 O IMPACTO DO ELEMENTO INFORMACIONAL.....</b>	<b>91</b>
<b>5.4 ASPECTOS RELEVANTES PARA O APRENDIZADO.....</b>	<b>96</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>109</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>118</b>
<b>ANEXO I: QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS ADOLESCENTES E JOVENS.....</b>	<b>122</b>
<b>ANEXO II: QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS EDUCADORAS E PROFISSIONAIS.....</b>	<b>128</b>

# 1. INTRODUÇÃO

Compreender a produção de conhecimento na sociedade moderna é estabelecer o esforço necessário para aceitar a aproximação entre a ciência e o senso comum. Boaventura Santos (2002) afirma que vivemos uma crise do paradigma dominante das ciências, constituído por um modelo de racionalidade desenvolvido após a revolução científica do século XVI. Segundo o autor, esse modelo não se sustenta porque, no tempo presente, a ciência deve necessariamente dialogar com o senso comum, libertando-o de uma personalidade exclusivamente mística. Seria inevitável admitir que o conhecimento prático do senso comum cria relações vigorosas entre os indivíduos e proporciona transformação nos ambientes sociais.

O modelo racionalista se nega a aceitar essa realidade, criando fronteiras bem guardadas para se proteger de dois conhecimentos não científicos: as humanidades e o senso comum: “esta nova visão do mundo e da vida reconduz-se a duas distinções fundamentais, entre conhecimento científico e conhecimento de senso comum, de um lado, e entre natureza e pessoa humana, por outro” (SANTOS, 2002, p.12).

Estabelecido no domínio das ciências naturais e influenciado pela matemática, o modelo dominante afirma que conhecer é quantificar. O rigor científico está posto quanto mais rigorosas forem as medições, o que significaria dizer que as coisas não quantificáveis são cientificamente irrelevantes. Para Boaventura Santos (2002), a idéia de “leis da natureza”, contida nessa visão de ciência, é arbitrária e cria o ambiente necessário para a desvalorização do modo pelo qual o senso comum conhece: “as leis da ciência moderna são um tipo de causa formal que privilegia o *como funciona* das coisas em detrimento de *qual o agente* ou *qual o fim* das coisas.

É por esta via que o conhecimento científico rompe com o conhecimento do senso comum” (SANTOS, 2002, p.16, grifo do autor).

No paradigma dominante, as ciências sociais são percebidas a partir de duas vertentes. A primeira tem o pressuposto de que os fenômenos sociais podem ser estudados na mesma perspectiva dos fenômenos naturais. Como os dois tipos de fenômenos são distintos, seria mais difícil cumprir o rigor metodológico nas ciências sociais, o que tornaria menos preciso o conhecimento produzido nesse campo.

A segunda vertente reivindica para as ciências sociais uma metodologia própria:

A ciência social será sempre uma ciência subjetiva e não objetiva como as ciências naturais; tem de compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações, para o que é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes dos correntes nas ciências naturais, métodos qualitativos em vez de quantitativos, com vista à obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo, em vez de conhecimento objetivo, explicativo e nomotético (SANTOS, 2002, p. 22).

Seguindo a perspectiva de Boaventura Santos, pode-se compreender as causas da crise do paradigma racionalista dominante nas ciências. As primeiras condições para o declínio desse paradigma seriam de ordem teórica. O grande avanço da ciência gerou um aprofundamento do conhecimento, que permitiu lançar luz sobre a sua própria fragilidade. Além disso, o desenvolvimento das ciências levou o ser humano a desejar complementar o conhecimento das coisas com o conhecimento do conhecimento, ou o conhecimento de si próprio.

A resposta a essa demanda leva, segundo Boaventura Santos, ao surgimento de um novo paradigma, que ele chama de “conhecimento prudente para uma vida decente”

(SANTOS, 2002, p.37). O paradigma emergente considera, em primeiro lugar, que todo conhecimento científico-natural é também científico-social:

O conhecimento do paradigma emergente tende assim a ser um conhecimento não dualista, um conhecimento que se funda na superação das distinções tão familiares e óbvias que até pouco considerávamos insubstituíveis, tais como natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual, animal/pessoa (SANTOS, 2002, p. 39,40).

Também está presente no novo paradigma a idéia de que todo conhecimento é local e total. Para Boaventura Santos, o conhecimento se estabelece em torno de temas que são adotados por grupos sociais concretos, em situações específicas da vida local. Sob essas condições, o paradigma emergente compreende que todo conhecimento científico deve visar a se constituir em senso comum:

É certo que o conhecimento do senso comum tende a ser um conhecimento mistificado e mistificador, mas, apesar disso e apesar de ser conservador, tem uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico (SANTOS, 2002, p.56).

Segundo Boaventura Santos (2002), mantendo-se isolado, o senso comum pode ser conservador e prepotente, mas, interpretado pelo conhecimento científico, pode dar origem a uma nova racionalidade, tendo em vista as características que encerra: é prático, transparente, compreende as relações entre pessoas e entre pessoas e coisas, é interdisciplinar e imetódico, reproduz-se no cotidiano da vida e é retórico e metafórico.

A valorização do conhecimento prático, estabelecido no ambiente pelo qual transitam os sujeitos sociais, conduz à percepção de que a questão da informação deve ser investigada no contexto das Ciências Sociais. Segundo Marteleto (2002), a

relação entre informação, conhecimento e comunicação se estabelece como um fenômeno da esfera da cultura, que tem sua base de entendimento nas relações sociais:

Informação não é processo, matéria ou entidade separada das práticas e representações de sujeitos vivendo e interagindo na sociedade, e inseridos em determinados espaços e contextos culturais. Informação, conhecimento, comunicação são fenômenos que tomam corpo nas práticas e representações sociais, tanto quanto nas relações que se estabelecem entre os sujeitos coletivos (MARTELETO, 2002, p. 102).

Compreende-se, desta maneira, que os grupos organizados da sociedade são o terreno empírico privilegiado para os estudos da organização e da distribuição do conhecimento, reconhecido como um produto social:

As ações coletivas de transformação social que se organizam no ambiente da globalização são melhor dimensionadas, no nível analítico, quando se reconhece, nas últimas décadas, que ao longo da sua história política, os grupos, comunidades e entidades atuantes nos movimentos sociais foram desenvolvendo formas próprias de organizar a comunicação, produzir conhecimentos e gerir as informações e a memória, dando vida a uma forma peculiar de saber – o conhecimento prático (MARTELETO, 2002, p.113).

Na presente pesquisa, o objeto de estudo contempla a observação da relação entre informação e conhecimento, realizada no âmbito de um projeto do chamado Terceiro Setor, esfera de ação que constitui um novo espaço público, porém não estatal. Conquanto este segmento não tenha ainda uma definição conclusiva, haja vista a tipologia diversificada das instituições que o constituem, encerrando diversas possibilidades de interpretação, considerou-se que nesta arena, própria da sociedade civil, desenvolve-se um importante fenômeno: a presença cada vez mais significativa de um conjunto de organizações não-governamentais envolvidas com questões de interesse público, como o combate à pobreza, a promoção da cidadania e a defesa do meio ambiente.

Pela natureza de sua constituição, marcada pelo trabalho de base comunitária, as ONGs desenvolvem mecanismos formais e informais de comunicação que representam um novo processo de troca de informações e de conhecimento. Por sua constituição em redes, as organizações oferecem uma compreensão particular acerca do conhecimento, da informação e da comunicação.

Na relação entre os representantes das ONGs e as comunidades, o conhecimento estaria relacionado com os contextos da vida (MARTELETO, 2002). Conhecer significaria incorporar sentidos que geram uma capacidade de transformação individual e coletiva. Nessa perspectiva, a informação é percebida como um *construto* que se traduz em uma possibilidade de sentido. Complementando a realidade vivida na esfera de atuação das ONGs, a comunicação surge como um conceito fundamental, relacionado com a idéia de interação entre sujeitos.

Para a análise do objeto de pesquisa, decidiu-se fazer uma investigação empírica no *locus* de atuação do projeto Maternidade Saudável, desenvolvido por meio de uma parceria entre a ONG internacional Visão Mundial e organizações locais de comunidades do entorno do bairro de Lins, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. O projeto tem como beneficiárias adolescentes e jovens grávidas, que, atendidas por educadoras e profissionais das mais diversas áreas (assistente social, psicóloga, educadora sexual, nutricionista, artesã, costureira e educadora religiosa), têm acesso à informação e à possibilidade de buscar alternativas para as dificuldades próprias de uma gravidez precoce. Assim, ao investigar os processos de trocas informacionais e das interações estabelecidas entre as adolescentes e as

educadoras do projeto, buscou-se compreender as questões colocadas em torno do objeto de pesquisa.

O problema central da pesquisa pode ser resumido na seguinte pergunta: como as adolescentes e jovens atendidas no projeto Maternidade Saudável internalizam conhecimentos a partir das trocas informacionais e das interações estabelecidas entre si e com as educadoras, desenvolvendo um aprendizado que leve à transformação individual e comunitária?

A fim de responder a essa questão, a pesquisa apresenta os seguintes objetivos:

- 1) Compreender os mecanismos de troca de informação constituídos entre as educadoras e as adolescentes e jovens atendidas no projeto;
- 2) Verificar como as beneficiárias e as educadoras se relacionam nos espaços de troca de informação;
- 3) Identificar as competências informacionais e cognitivas necessárias para a compreensão dos conhecimentos compartilhados no espaço de interlocução;
- 4) Analisar se as beneficiárias do projeto constroem sentidos a partir das informações compartilhadas.

Este trabalho está organizado em cinco capítulos, além desta introdução. No capítulo segundo, é feita uma análise sobre a questão do conhecimento no campo da Ciência da Informação. São revistas as diferentes abordagens acerca do conceito de informação, apresentando-se os elementos demarcadores da CI. A recuperação de diversos autores que ajudam a posicionar a Ciência da Informação como uma disciplina das Ciências Sociais visa a demonstrar que as relações entre os

indivíduos são fundamentais para que a informação se concretize em um conhecimento prático, deixando de ser apenas uma possibilidade de sentido.

No capítulo terceiro, é discutido o conceito de Terceiro Setor, ambiente no qual se inserem as organizações não-governamentais, são apresentadas as características das ONGs e analisada a inserção das organizações no espaço público. A reflexão sobre a atuação das ONGs procura destacar as proximidades entre os conceitos de informação e interação social.

O capítulo quarto traz os aspectos metodológicos da pesquisa, onde são apresentados os instrumentos de coleta de dados e os critérios de análise. Além disso, é discutida a relevância de uma pesquisa social feita a partir de um estudo de caso. No capítulo quinto são apresentados e analisados os resultados da pesquisa. E o último capítulo traz considerações finais e proposições para novas pesquisas relacionadas ao tema deste trabalho.

## **2. A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A QUESTÃO DO CONHECIMENTO**

## 2.1 A INFORMAÇÃO EM UMA PERSPECTIVA COGNITIVISTA

A Ciência da Informação tem sua origem em disciplinas práticas que se relacionam com o conceito de “recuperação da informação”. Segundo Wersig (1993), a abordagem clássica da área aponta para a distinção entre as bibliotecas como organizações sociais e a recuperação da informação como um campo da engenharia. De forma coincidente, Capurro (2003) reconhece duas raízes para a Ciência da Informação: a biblioteconomia clássica e a computação digital.

Ao introduzir a preocupação com o usuário e com os processos de elaboração do conhecimento, a Ciência da Informação passou a ser influenciada pelas Ciências Cognitivas, sobretudo em uma abordagem derivada da Cibernética. A idéia central do movimento cibernético propõe que o mundo existe independentemente do observador, fazendo crer que o conhecimento seja uma simples representação da realidade (NASSIF, 2004). Nessa perspectiva, a prática social é desconsiderada e a ênfase recai sobre o conhecimento científico.

A essência da abordagem cognitiva na Ciência da Informação afirma que todo processamento de informação é mediado por um sistema de categorias de conceitos. Encontra-se uma idéia subjacente de que o conhecimento se dá quando uma informação é percebida e processada, alterando os estados mentais do indivíduo. Esta conclusão tem como pressuposto as premissas do cognitivismo, uma das vertentes tradicionais das ciências cognitivas, que advoga os princípios de que a mente e o cérebro formam uma unidade com características de máquina, capaz de processar linear e seqüencialmente as informações.

Uma das idéias inspiradoras da abordagem cognitivista vem da chamada “Teoria Matemática da Comunicação”, proposta por Claude Shannon e Warren Weaver. Em linhas gerais, os autores postulam que, no processo de comunicação, há um “objeto físico” transmitido entre o emissor e o receptor. Para Capurro (2003), assimilada pela Ciência da Informação, esta idéia é responsável pela constituição de um “paradigma físico”, que exclui “o papel ativo do sujeito cognoscente, ou, de forma mais concreta, do usuário, no processo de recuperação da informação científica, em particular, bem como em todo processo informativo e comunicativo, em geral” (CAPURRO, 2003, p. 6).

A definição de informação como uma “coisa” está caracterizada na abordagem cognitivista de Brookes (1980), que busca construir uma teoria objetiva do conhecimento. Ele se baseia na teoria dos três mundos, de Karl Popper, que preconiza a existência do mundo físico (mundo 1, constituído pelo conhecimento relacionado com a biologia, a geologia, a física, etc), do mundo dos estados mentais (mundo 2, constituído pelos conhecimentos subjetivos) e do mundo do conhecimento objetivo (mundo 3, constituído pelo conhecimento registrado).

Para garantir uma alternativa original ao seu campo de estudos, a Ciência da Informação deveria, segundo Brookes (1980), concentrar-se em coletar e organizar o material disponível no mundo 3 e desenvolver uma teoria sobre as interações entre os mundos 1 e 2. Neste exercício deveriam ser evitadas as análises subjetivas, privilegiando-se a observação dos artefatos:

The documents in our libraries offer us all the evidence – the publicly observable objective evidence – we need. All we have to do is to observe how recorded knowledge grows and changes year by year in specific fields, preferably, to keep things initially as simple as possible, in one of the sciences<sup>1</sup> (Brookes, 1980, p. 130).

Ao estabelecer a relação entre conhecimento e informação, Brookes (1980) desenvolveu a chamada “equação fundamental do conhecimento”, que viria a ser a base de sua abordagem cognitivista na CI. A teoria afirma que as estruturas de conhecimento são modificadas para novas estruturas por meio da informação. Como pequenas partes das estruturas de conhecimento, a informação pode ser simplesmente adicionada a uma estrutura de conhecimento ou pode ajustá-la. O “objeto informacional” teria a capacidade de alterar o estado de conhecimento do indivíduo, independentemente de outros fatores, como as interações sociais.

A partir dessa teoria, pode-se compreender a mente humana como uma máquina processadora de informação e o sujeito com um recipiente. É o que também está subentendido no conceito de estados de conhecimento, apresentado por Belkin e Robertson (1976). Eles partem do princípio de que, no senso geral, informação é tudo aquilo que muda ou transforma estruturas de conhecimento. A idéia de estrutura leva à proposição de dois conceitos para a Ciência da Informação: o texto, como uma coleção de sinais estruturados que um emissor envia com a finalidade de mudar as estruturas de representação de um receptor, e a informação, como a estrutura que compõe o texto.

---

<sup>1</sup> Nas nossas bibliotecas, os documentos nos oferecem toda evidência – a evidência objetiva observável publicamente – que nós precisamos. Tudo o que nós temos a fazer é observar como o conhecimento registrado cresce e muda ano após ano em campos específicos, preferencialmente para manter as coisas o mais simples possível em cada uma das ciências (Brookes, 1980, p. 130, tradução do autor).

Segundo Belkin e Robertson (1976), os estudos sobre estruturas de representação e estados do conhecimento poderiam ser aplicados no desenvolvimento de sistemas de recuperação de informação. Eles consideram inadequados os sistemas que vêem a informação como um fenômeno atômico. A questão é saber por que as pessoas procuram determinados documentos. Os usuários estariam buscando suprir anomalias ou “estados anômalos de conhecimento”:

A person making a request to a retrieval system does so because of a perceived gap or incompleteness , or inconsistency, in his image of the world: he is looking for texts that will help him correct that anomaly. A sophisticated retrieval system might then attempt to build a structural model of the requester's image, using clues provided both by the linguistic formulation of the request and by the requester's response to particular documents which the system retrieves (relevance feedback)<sup>2</sup> (BELKIN e ROBERTSON, 1976, p. 203).

A reflexão de Belkin e Robertson (1976) parte do princípio de que o processamento da informação seria mediado por um sistema de categorias que retratam uma concepção de mundo. A idéia de que as estruturas de conhecimento são transformadas por meio da informação não se preocupa de maneira fundamental com as relações sociais. Belkin e Robertson consideram que a informação pode, por si só, mudar as estruturas de representação dos receptores.

Embora procure se deslocar para uma preocupação com o usuário, o modelo conceitual de Belkin e Robertson pressupõe que a informação move o indivíduo de um estado prévio de conhecimento para um novo estado de conhecimento, a partir

---

<sup>2</sup> Uma pessoa que faz uma requisição em um sistema de busca, faz isso por causa de uma falta perceptível ou algo incompleto ou inconsistente na sua percepção de mundo: ela está procurando textos que vão ajudá-la a corrigir essa anomalia. Um sistema de recuperação sofisticado pode então tentar construir um modelo estrutural da visão do solicitante, usando evidências provenientes tanto da formulação linguística da requisição quanto da reação do solicitante aos documentos específicos que o sistema recupera (BELKIN e ROBERTSON, 1976, p. 203, tradução do autor)

das habilidades cognitivas que ele possui. A informação estaria assim no domínio da subjetividade (GONZÁLES DE GOMEZ, 2002).

## **2.2 A ÊNFASE NOS SISTEMAS DE RECUPERAÇÃO DE INFORMAÇÕES**

No âmbito da Ciência da Informação, as abordagens cognitivistas são ainda demarcadas de forma clara nas reflexões acerca dos sistemas de recuperação de informações. Uma visão idealista dos SRIs preconiza que o mundo existe independentemente dos sujeitos e pode ser apreendido por meio dos sentidos. A representação dos registros de informação e seu posterior armazenamento nos sistemas seria uma maneira de garantir uma compreensão do mundo e do conhecimento produzido. Vale afirmar então que a ênfase nos sistemas de recuperação de informações seria outro fator determinante da abordagem cognitivista de informação.

Os processos de produção, organização e recuperação de informações são levados a cabo em três estágios cognitivos (ALVARENGA, 2003): a) o estágio anterior à entrada dos itens no SRI, marcado pelas experiências cognitivas dos produtores dos documentos; b) o estágio da inclusão do item no SRI, influenciado pelos processos cognitivos dos indivíduos que fazem o tratamento das informações; c) o estágio pós-inclusão do item no SRI, quando os usuários se relacionam individualmente com os sistemas.

A constatação obrigatória é de que a representação do conhecimento, enquanto disciplina da Ciência da Informação, deveria desviar seu foco do fenômeno cognitivo individual para uma abordagem que leve em conta as diversas mediações entre o sujeito e os SRIs, e não somente a interação homem-máquina:

Essa interação envolve mediação por outro ser humano (o profissional da informação) ou por uma interface de computador e tem sido centrada no usuário-individual, evitando-se ou ignorando-se o contexto social mais amplo do processamento da informação (ALVARENGA, 2003, p.13).

É preciso destacar, entretanto, que uma parcela significativa dos pesquisadores que se dedicam a investigar as mediações estabelecidas entre os usuários e os sistemas de recuperação compreendem os sistemas como o espaço privilegiado da busca de conhecimento. Muitas análises neste campo percebem o social apenas como a arena na qual o sujeito, convicto de suas necessidades informacionais, estabelece relações que o levam a encontrar o conhecimento desejado. Em vez de conhecer a partir do conhecimento da sociedade, ele recorre ao mundo e, com seus processos cognitivos individuais, encontra o conhecimento registrado.

Neste sentido, a representação do conhecimento seria o desafio maior dos profissionais que lidam com os SRIs. A representação pode ser compreendida como uma nova apresentação de uma informação original a partir de uma seleção de características marcantes, para uma recuperação posterior. O processo de representação é, portanto, carregado de uma série de limitações, dentre as quais os aspectos subjetivos e ideológicos do processo conduzido por indivíduos. A permanente evolução dos estados de conhecimento também é um fator que impede o desenvolvimento de um mecanismo perfeito de representação.

A natureza dos sistemas de recuperação de informações traz em si a exigência de representações secundárias, o que tem levado profissionais da informação a buscar mecanismos mais eficientes de interpretação dos registros armazenados. Segundo Alvarenga (2003), a representação primária tem como objeto prioritário o acervo da ontologia, sendo seus produtos finais os conceitos sobre os seres e as coisas existentes, que formam o conhecimento. Já a representação secundária, própria dos SRIs, tem como preocupação o acervo de conhecimentos sobre os seres e as coisas, que são objetos da epistemologia. Assim, exige-se dos profissionais a capacidade de compreender as diversas demandas que os usuários podem vir a ter em relação às informações disponibilizadas nos sistemas:

Os conceitos constantes dos documentos, assim como suas superfícies de emergência, constituem-se em insumos para a representação secundária e devem ser identificados, requerendo-se que o profissional da informação, no processo de organização do conhecimento, proceda à identificação dos elementos de descrição e temáticas que poderão vir a ser buscados pelos usuários potenciais do sistema de informação (ALVARENGA, 2003, p.5).

A idéia filosófica de conceito vem sendo utilizada pela Ciência da Informação para aprimoramento do trabalho de representação secundária. Os conceitos seriam “unidades de conhecimento” presentes na “complexa região epistemológica interdisciplinar que compreende o ato de representação, comunicação e preservação de conhecimentos” (ALVARENGA, 2003, p.14).

Alvarenga (2003) aponta Jesse Shera como um dos pioneiros na utilização da idéia de conceito no campo da recuperação da informação. Ela recorre a um trabalho de Shera, apresentado na Conferência Internacional de Classificação e Recuperação de Informações, em 1957, para apresentar a visão do autor acerca do processo de aprendizagem. Para Shera, as novas sensações originadas da experiência ou do

contato com algum texto seriam classificadas pelo cérebro em conexão com experiências anteriores. Esta incorporação de novos saberes estabeleceria uma ordem no conjunto de saberes, diminuindo as incertezas dos indivíduos. Nessa abordagem, os conceitos seriam vistos como padrões, que são a matéria-prima das classificações.

É preciso esclarecer, entretanto, que, ao longo do extenso período no qual refletiu sobre a relação entre informação e conhecimento, Shera avançou de maneira substancial para uma nova abordagem acerca dos processos sociais de conhecimento. Dizer que coube a ele apontar a recuperação de informações como “o ponto focal da teoria da biblioteconomia e da ciência da informação e o fim em direção ao qual todos os esforços devem ser direcionados” (ALVARENGA, 2003, p.12) é reduzir a produção acadêmica de Shera ao seu ponto de partida. Como veremos adiante, a originalidade desse autor está na sugestão de uma “epistemologia social” que privilegia os processos sociais da produção do conhecimento em detrimento das abordagens que enfatizam apenas a interação entre os indivíduos e os registros do conhecimento.

### **2.3 DA ABORDAGEM TECNOLÓGICA À VISÃO SOCIAL**

O avanço tecnológico que sofisticou os sistemas de busca e recuperação de informação é outro fenômeno importante para a configuração do campo de estudos da Ciência da Informação. Aqueles que privilegiaram uma abordagem sistêmica da

CI chegaram a considerar a sofisticação da tecnologia como condição necessária para resolver definitivamente o problema da necessidade de informação:

They take for granted that there is something like 'information' (Buckland, 1991) which is needed and they offer a solution for this assumed problem. From this viewpoint, libraries and retrieval systems only are different solutions to a basically identical problem which is not questioned any more<sup>3</sup> (WERSIG, 1993, p.230).

A ênfase tecnológica fez com os sistemas de recuperação da informação se transformassem assim em uma “idéia paradigmática” para a Ciência da Informação (GOZÁLEZ DE GOMEZ, 1990). Atendendo à racionalidade da sociedade moderna, os sistemas cumpririam o papel de estabelecer domínios controláveis para o elemento informacional:

O sistema de informação, nesse quadro, emergiria como modelo 'homogeneizador' de um domínio plural de ações de informação, muitas já institucionalizadas (bibliotecas, arquivos, centros de documentação etc.), outras incipientes e a serem formalizadas a partir do novo conceito sistêmico da ação de informação (na ordem administrativa, financeira, cultural etc.)” (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 1990, p.117).

Para compreender esse elemento homogeneizador da informação, González de Gómez (1990) cunhou a expressão “sistema formal intermediário de recuperação da informação”. A idéia de “sistema” pressupõe uma ação intencional, marcada pelo anseio de comunicar um conhecimento pré-existente. Nesse sentido, procura a otimização da informação, valendo-se do controle de variáveis como a coleta, a armazenagem e a disseminação.

---

<sup>3</sup> Eles garantem que há alguma coisa como 'informação' (Buckland, 1991), a qual é necessária, e eles oferecem uma solução para este problema presumido. Deste ponto de vista, bibliotecas e sistemas de recuperação são apenas soluções diferentes para problemas idênticos, que não serão questionados mais<sup>3</sup> (WERSIG, 1993, p.230, tradução do autor).

A designação de um sistema “formal” apresenta dois sentidos. Em primeiro lugar, imagina-se que ele é institucional, estando sujeito a mecanismos de legitimação. Depois se aceita a noção de que ele trabalha no âmbito da comunicação formal com registros de dados ou conhecimentos, além de suas próprias rotinas.

O sistema é também “intermediário” porque é constituído por iniciativa de um agente ou de uma agência que intervém no ambiente discursivo-informacional, produzindo uma mediação entre sujeitos. Ele teria a função de conectar o usuário à fonte da informação, auxiliando nos processos de produção de conhecimento. Mas, apresentando um julgamento antecipado da relevância da informação para o usuário, o sistema se desconecta do social:

O sistema institucional de informação só pode negar sua origem social, sua interligação com processos comunicacionais-cognitivos, na medida em que já nasce ‘prenhe’ de uma referência substantiva a um contexto específico sócio-cultural, oculto enquanto formalizado em termos de definições sistêmicas (GONZÁLEZ DE GOMES, 1990, p.118).

A abordagem sistêmica pode, então, incorrer no erro de estabelecer uma lacuna quando não enfatiza as trocas informacionais e a produção de conhecimento como fenômenos sociais, conduzidos por sujeitos que se localizam em espaços históricos específicos. Capurro (2003) distingue a disponibilização de estoques informacionais (tal qual percebido na formulação clássica da Ciência da Informação) da possibilidade de seleção de sentido, que impediria a avaliação de um sistema de informação com base “no *matching* de um dado de entrada (input) com outro dado previamente registrado”. É preciso destacar o papel ativo do usuário: “só tem sentido falar de um conhecimento como informativo em relação a um pressuposto conhecido

e compartilhado com outros, com respeito ao qual a informação pode ter o caráter de ser nova e relevante para um grupo ou para um indivíduo” (CAPURRO, 2003, p.8).

Na abordagem social da Ciência da Informação, deslocada de uma visão focada nos sistemas de recuperação de informações para uma visão centrada nas interações dos usuários, o conceito de informação está relacionado com a partilha de um mundo comum:

Logo, informação não é o produto final de um processo de representação, nem algo transportado de uma mente a outra, ou, enfim, algo a ser retirado do casulo de uma subjetividade, mas uma dimensão existencial de nosso ser no mundo junto com os outros(...). A informação é, mais precisamente, a articulação de uma compreensão pragmática de um mundo comum compartilhado. Esta compreensão a priori permanece em grande medida tácita ainda quando a articulamos em forma falada ou escrita, dado que, por nossa finitude, nunca podemos explicitá-la totalmente (CAPURRO<sup>4</sup>, 1992, *apud* GONZÁLES DE GOMES, 2002, p.32).

Destaca-se que a abordagem social sempre foi objeto de preocupação da Ciência da Informação, ainda que retirado do centro das atenções a partir do desenvolvimento tecnológico. O próprio Capurro (2003) reconhece que Jesse Shera, em meados do século XX, já era responsável pelo desenvolvimento de um “paradigma pragmático e social”, que viria competir com os paradigmas cognitivo e físico.

Antes de percorrer os caminhos que levariam à sua Epistemologia Social, Shera, reforçando a percepção de Wersig (1993), se incluiu entre aqueles que tinham uma espécie de “fé na máquina”, como consequência do desenvolvimento tecnológico do

---

<sup>4</sup> CAPURRO, R. Epistemology of information science. In: <<http://v.hbistugart.de/~capurro/publi.htm>>. \_\_\_\_\_ . What is information science for? A philosophical reflection. In: Vakkari, Pertti; CRONIN, Blaise (Ed.) *Conceptions of library and information science*. Historical, empirical and theoretical perspectives. London: Taylor Graham, 1992. p.82-98.

século XX. Essa perspectiva que preconizava a solução definitiva para o armazenamento e o uso do conhecimento registrado trouxe consigo dois problemas básicos: a idéia de que as máquinas podem responder perfeitamente a todas as necessidades e uma separação equivocada entre recuperação da informação e ciência da informação (SHERA, 1971).

Embora tenha sido um dos pioneiros na busca da automação dos mecanismos de recuperação da informação (ZANDONADE, 2003), Shera entendia que o armazenamento e a recuperação da informação não resolvem por si só o problema da geração de conhecimento na sociedade:

O armazenamento e recuperação da informação, ou fatos, por mais bem feitos e por mais precisos que sejam os mecanismos para que sejam levados a efeito, não tem nenhum valor, se não são utilizados para o bem da humanidade, e é dessa utilização que o homem não ousa abdicar (SHERA, 1977, p.11).

Todo sistema de informação é formado por uma tecnologia de operação, um conteúdo e um contexto, que é o ambiente social em que qualquer sistema está posicionado (SHERA, 1971). Para Shera, há um fracasso no entendimento desse contexto quando não se procura compreender como o conhecimento é comunicado e qual impacto ele produz na sociedade.

A conclusão de Shera aponta para a idéia de que a Ciência da Informação deve se perceber como uma ciência social: “a marca da epistemologia social consiste em que ela coloca a ênfase no ser humano e na sociedade como um todo, e todas as suas formas de pensar, conhecer, agir e comunicar”. (SHERA, 1973, p.90). Para ele, a importância dos sistemas é superestimada no campo da Ciência da Informação.

## 2.4 A EPISTEMOLOGIA SOCIAL DE SHERA

O projeto de uma epistemologia social, proposto por Jesse H. Shera, pretendia contribuir para o desenvolvimento de uma disciplina científica da biblioteconomia e, posteriormente, da documentação e da Ciência da Informação. Embora tenha percebido as transformações verificadas nas atividades profissionais, Shera sempre defendeu a unidade das três áreas.

Em 1949, surgiram os primeiros sinais da reflexão que levou Shera à proposta de uma nova disciplina para estudar a comunicação do conhecimento registrado (ZANDONADE, 2003). Naquele ano, Shera e sua colaboradora Margaret Egan adotaram o termo “controle bibliográfico” para se referir à documentação. Em 1951, eles passaram a utilizar a nomenclatura “organização bibliográfica”, como resposta às pressões daqueles que consideravam a conotação de censura na palavra “controle”.

A utilização dos dois termos levava à busca de uma “teoria da armazenagem e recuperação da informação”, considerada por Shera como a base da Ciência da Informação. Assim ele definia o controle bibliográfico:

os controles bibliográficos são aqueles mecanismos utilizados para orientar a energia intelectual na extração, a partir da totalidade da informação registrada, daquelas porções relevantes para uma determinada tarefa, com a maior rapidez e economia (EGAN e SHERA<sup>5</sup>, 1949, *apud* ZANDONADE, 2003, p.46).

---

<sup>5</sup> EGAN, M. E.; SHERA, J. H. Prolegomena to bibliographic control. *Journal of Cataloging and Classification*, v.5, n.2, p.17-19, 1949.

Seguindo a mesma lógica de raciocínio, já na década de 50, Shera deixava claro que, como disciplina acadêmica, a Ciência da Informação deveria se preocupar com o melhor uso possível dos registros gráficos do conhecimento. Em 1952, novamente com a colaboradora Egan, ele propôs uma disciplina “epistemologia social” para o desenvolvimento de uma teoria da bibliografia. Shera havia utilizado o termo pela primeira vez em 1950, em um trabalho sobre classificação:

Encontramo-nos no limiar de uma reorientação da idéia de classificação. Mesmo um exame superficial da história da classificação das ciências enfatizou a dimensão na qual qualquer tentativa de organizar o conhecimento é condicionado pela epistemologia social da época em que foi produzida. Esta dependência da teoria da classificação sobre o estado da sociologia do conhecimento será sem dúvida mais fortemente confirmada no futuro (SHERA e EGAN<sup>6</sup>, 1952, *apud* ZANDONADE, 2003, p.49).

A proposta da nova disciplina partia do princípio de que a epistemologia tradicional não pode compreender os processos intelectuais da sociedade, na medida em que estuda o conhecimento a partir do indivíduo. Na opinião de Shera, a psicologia, ao transferir os estudos para os laboratórios, produziu avanços no sentido de compreender o comportamento mental, mas também se fixou no indivíduo; os sociólogos se voltaram para os grupos de indivíduos, mas não se detiveram nas forças intelectuais que integram as estruturas sociais. Daí a necessidade de uma “epistemologia social”, que se caracterizaria pelo “estudo daqueles processos através dos quais a sociedade como um todo busca conseguir uma relação perceptiva ou compreensiva ao ambiente integral – físico, psicológico e intelectual” (Egan e Shera<sup>7</sup>, 1952, *apud* Zandonade, 2003, p.50).

---

<sup>6</sup> EGAN, M. E.; SHERA, J. H. Foundations of a theory of bibliography. *Library Quarterly*, v.22, p.125-137, Apr.1952.

<sup>7</sup> Id., 1952

### 2.4.1 A BIBLIOTECONOMIA E A EPISTEMOLOGIA SOCIAL

Shera (1977) tinha a convicção de que a biblioteconomia estava intimamente ligada à epistemologia social. Em consonância com suas reflexões epistemológicas, ele compreendia que o objetivo da biblioteconomia era aumentar a utilidade social dos registros gráficos, o que aconteceria na medida em que o bibliotecário não se resignasse com a idéia de que é um profissional cuja tarefa se resume a guardar acervos:

pois o bibliotecário fará mal sua tarefa se não compreender todo o papel do conhecimento na sociedade que ele serve e a parte que as máquinas podem realizar no processo da 'ligação do tempo'. O bibliotecário é o supremo 'ligador do tempo, e a sua disciplina é a mais interdisciplinar de todas, pois é a ordenação, relação e estruturação do conhecimento e dos conceitos (SHERA, 1977, p.11).

A idéia de que o bibliotecário deve se preocupar basicamente com o conhecimento e a sociedade é recorrente na obra de Shera (1973). Para ele, a atividade profissional tinha seus fundamentos básicos, que deveriam ser considerados pelos bibliotecários:

- 1) O problema da cognição: como o homem conhece;
- 2) O problema da cognição social: como a sociedade conhece e qual é o sistema através do qual o conhecimento pessoal se transforma em conhecimento social;
- 3) A história e a filosofia do conhecimento;
- 4) Os mecanismos e os sistemas bibliográficos existentes e a congruência entre eles, os processos de comunicação, a epistemologia e o conteúdo substantivo do próprio corpo do conhecimento (SHERA, 1973, p.89).

Shera (1973) alerta para o fato de que a biblioteconomia é uma ciência interdisciplinar e, como tal, deve recorrer aos métodos e ao corpo de conhecimento de outras ciências. Para ele, a pergunta central não é sobre a afirmação científica da biblioteconomia, mas sobre o tipo de ciência que ela deveria representar. Na visão de Shera (1973), a biblioteconomia é uma ciência do comportamento e pode se auto-proclamar uma ciência no sentido clássico do termo. Para ele,

dizer que o sistema é a essência da ciência da biblioteconomia vale declarar uma visão muito pequena e restrita. O estudo da epistemologia social, que é na realidade o estudo da cognição social, é o fundamento adequado de uma ciência da biblioteconomia (SHERA, 1973, p.90).

Em 1980, uma das obras mais clássicas de referência na área da biblioteconomia e Ciência da Informação, a *ALA World Encyclopedia of Libray na Information Services*, publicou o verbete *Librarianship, Philosophy of*, de Shera, em reconhecimento ao papel que ele desempenhou para a consolidação da biblioteconomia como ciência. Na obra, Shera destaca a premissa de que as novas formas pelas quais o conhecimento tem se estruturado e tem sido coordenado na sociedade constituem um campo de estudos pouco explorado (SHERA<sup>8</sup>, 1980, *apud* ZANDONADE, 2003, p. 65).

Por fim, Shera (1980) estabeleceu a possibilidade da existência de duas abordagens distintas no campo da Ciência da Informação. De um lado, estariam aqueles que se preocupam com a eficiência dos canais de comunicação na sociedade sem se dedicar ao estudo do impacto do conhecimento. Estes cientistas da informação estariam alinhados com as ciências naturais, que se relacionam com os fenômenos

---

<sup>8</sup> SHERA, J. H. *Philosophy of Librarianship*. In: WEDGEWORTH, R. (Ed). *ALA World encyclopedia of library and information services*. Chicago: ALA, 1980, p.314-317.

físicos, ou com as coisas. De outro lado, estariam os que se dedicam ao estudo do conhecimento e de sua comunicação, integrando assim o campo das humanidades e não das ciências exatas.

Como síntese do raciocínio de Shera (1973, 1977, 1980), temos os pressupostos que estariam relacionados com o conceito de epistemologia social: a configuração do conhecimento é um fenômeno fundamental para a sociedade moderna; o sujeito da informação (indivíduo ou grupo social) integra a questão central da Ciência da Informação; os sistemas e a tecnologia não podem fornecer todas as respostas para a questão da informação e do conhecimento.

## **2.5 O CONHECIMENTO NA MODERNIDADE**

Assim como Shera (1973, 1977, 1980), ao se ocuparem das relações entre a Ciência da Informação e a produção de conhecimento, Capurro (2003) e Wersig (1993) reconhecem a necessidade de uma reflexão epistemológica que consolide a CI como área relevante das Ciências Sociais. Capurro (2003) afirma que esse processo de reconhecimento não produz frutos quando a Ciência da Informação é identificada tão fortemente por meio de suas ferramentas, como os sistemas tecnológicos de recuperação de informação. A abordagem dos profissionais da área deveria ser sociológica e epistemológica.

Na perspectiva de Wersig (1993), a Ciência da Informação estaria muito preocupada com os efeitos da tecnologia sobre o uso do conhecimento. Como a questão do conhecimento se apresenta em uma nova situação na modernidade, a Ciência da Informação deveria contribuir para o desenvolvimento da “Filosofia do Conhecimento”:

But since it starts with the observation of the new role of knowledge within our time it may look like taking the viewpoint of ‘philosophy of science’. But within the philosophy of science we hardly find approaches of this kind, perhaps again because this field has developed in a rather classical way. Perhaps this paper indicates even for philosophy a new development towards a ‘philosophy of knowledge’ (which at least has to be a close relative to information science)<sup>9</sup> (WERSIG, 1993, p.234).

Segundo o autor, cabe aos cientistas da informação compreender a mudança do papel do conhecimento para os indivíduos, as organizações e as culturas, que seria a grande transformação da sociedade moderna, definida em quatro traços básicos:

- a) A despersonalização do conhecimento: antes do surgimento das tecnologias de impressão, o conhecimento era mais ou menos personalizado, sendo organizado pela tradição oral. Com a invenção da escrita, a disseminação do conhecimento se acentuou, mas continuou limitada pela capacidade de escrever. A partir do surgimento da imprensa e, principalmente, com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação no século XX, o conhecimento se massificou e se deslocou do produtor. Essa característica é tão marcante que são muitas as tentativas de se buscar uma nova personalização do conhecimento, através de

---

<sup>9</sup> Desde que começou, a observação do novo papel do conhecimento no nosso tempo pode ter tomado o ponto de vista da ‘filosofia da ciência’. Mas, na filosofia da ciência, nós dificilmente achamos abordagens deste tipo, talvez porque novamente este campo se desenvolveu até certo ponto em um estilo clássico. Talvez este artigo indique até para a filosofia um novo desenvolvimento em direção à ‘filosofia do conhecimento’ (a qual, no mínimo, deve ser um parente próximo da Ciência da Informação) (WERSIG, 1993, p.234, tradução do autor).

conferências e workshops, por exemplo, ou de novas tecnologias, como o CD-Rom, as videoconferências e os sistemas multimídia;

- b) A capacidade de compreensão do conhecimento: por um bom tempo, os métodos e as tecnologias de observação foram simples e exigiram pouco esforço de compreensão. Com a sofisticação das tecnologias, das metodologias de pesquisa e das teorias, a compreensão do conhecimento produzido tornou-se mais complexa. Resta ao senso comum acreditar no conhecimento apresentado. Mas, se não se sabe a origem deste conhecimento despersonalizado, em que se deve acreditar?;
- c) A fragmentação do conhecimento: é impossível acumular todo o conhecimento disponível, na medida em que os diferentes campos de ação se tornaram autônomos, gerando um pluralismo de imagens e pensamentos na nossa sociedade. Com isso, cada campo de estudos gera conhecimento sob condições e padrões particulares. Destaca-se ainda que as tecnologias de exposição do conhecimento não se limitam mais à palavra falada e à palavra escrita, o que provoca uma tripla fragmentação: do conhecimento produzido, representado e demandado;
- d) A racionalização do conhecimento: na sociedade contemporânea, o conhecimento ganhou uma importância destacada. Em primeiro lugar, porque são grandes os efeitos que ele produz na sociedade. Além disso, porque o mundo não é mais explicado por um sistema de crenças, mas pelo

conhecimento. Assim, o conhecimento precisa ser empírico, atestado e deve ser pragmático, podendo ser seguido por qualquer pessoa (WERSIG, 1993).

Esta nova situação do conhecimento reforça a idéia de que a informação não constitui um elemento produtor de sentido independente dos aportes do sujeito. A informação apenas comporta uma possibilidade de significações, que só se concretizam ao se estabelecerem conexões entre o conhecimento prévio do sujeito e as relações que ele estabelece nos contextos em que está inserido. Vista por essa perspectiva, a Ciência da Informação deveria se ocupar não apenas da organização da informação e do acesso aos sistemas, mas, sobretudo, da compreensão dos caminhos percorridos pela informação a partir do momento em que ela se torna produto da comunicação.

Quando assume a hermenêutica como a corrente que melhor estabelece a relação entre conhecimento e ação, ao valorizar o papel da interpretação, Capurro nos ajuda a compreender que a informação não se fecha como uma “cápsula cognitiva” transportada de um lugar para outro. É necessário compreender a distinção “entre uma oferta de sentido e um processo de seleção cujo resultado implica na integração do sentido selecionado dentro da pré-compreensão do sistema, produzindo-se assim uma nova pré-compreensão” (CAPURRO, 2003, p. 10).

## 2.6 INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

O crescimento vertiginoso da oferta de informações na sociedade moderna pode levar-nos a experimentar o sentimento de que temos cada vez mais conhecimento, como se informação e conhecimento fossem dois atributos indissociáveis. Não é por outro motivo que as expressões “sociedade da informação” e “sociedade do conhecimento” são, muitas vezes, utilizadas como sinônimas. Trata-se, portanto, de perguntar a que tipo de informação estamos expostos quando acessamos os diversos mecanismos tecnológicos de oferta.

Não se pode negar que as facilidades de acesso a conhecimentos já produzidos, armazenados em um contexto de fragmentação, levam, paradoxalmente, a limitações de acesso a conhecimentos mais fundamentais. A simplicidade das ferramentas de busca de conteúdos na rede mundial de computadores não estaria desestimulando a atividade de pesquisa mais elaborada entre os estudantes? Pedro Demo chama atenção para a idéia da existência de um “conhecimento proibido”, que cria barreiras para a rebeldia natural do ato de conhecer, intrinsecamente questionador. A necessidade de selecionar o que apreender dos estoques informacionais disponíveis, a capacidade limitada de compreensão e a diversidade de interesses são as condições necessárias para que a informação seja utilizada para desinformar: “é sempre possível, pois, usar o melhor conhecimento para construir o mais refinado processo de imbecilização. Desinformar será, portanto, parte fundamental do processo de informação” (DEMO, 2000, p.39).

No contexto da chamada Sociedade da Informação, conceito característico da modernidade, percebemos-nos diante de um dilema: essa massificação que não impõe sentido às informações estaria sepultando o campo social? Para muitos intelectuais, dos teóricos de Frankfurt a Jean Baudrillard, a separação entre a instrumentalidade e o sentido fez com que os indivíduos se voltassem para uma subjetivação egoísta, deixando assim de lado o papel de atores sociais (TOURAINÉ, 2002). Mesmo assumindo a compreensão de que os novos movimentos sociais se constituem em espaço de reencontro do sujeito com a possibilidade de transformação, devemos admitir que a visão pessimista de Baudrillard criou os mecanismos de resistência às idéias fáceis sobre o paraíso prometido pela sociedade informacional.

A configuração da nossa sociedade, segundo Baudrillard (1985), faz da informação uma “emulsão incessante”, em vez de um modo de comunicação ou sentido. A informação não teria assim a capacidade de criar a “relação social”, embora se acredite que o grau de exposição das massas à informação gerada pelos meios de comunicação seja a melhor referência para medir a socialização. Este tipo de informação que se configura como um “fast-food” do conhecimento seria insuficiente para estruturar a sociedade, produzindo mais massa.

Caberia então na sociedade da informação a pergunta pelo sentido das coisas. Embora seja comum afirmarmos que a explosão informacional impede a produção de sentidos, o problema está muito mais na falta de demanda pelos sentidos do que na falta de oferta. Pelo contrário, na sociedade moderna, aqueles que buscam uma perspectiva singular de vida têm à sua disposição os mais diversos sentidos, que se

expõem como mercadorias na prateleira de um supermercado. É o que afirma Lipovetsky: “Todos os gostos, todos os comportamentos podem coabitar sem se excluírem, tudo pode ser escolhido à vontade, a vida simples – ecológica – como a vida hipersofisticada num tempo desvitalizado sem balizas estáveis, sem coordenadas maiores” (LIPOVETSKY<sup>10</sup>, 1983, *apud* TOURAINE, 2002, p. 198).

A perspectiva capitalista da relação entre consumo e demanda se aplica à questão do sentido, segundo afirma Baudrillard (1985). Produzir as mercadorias é muito mais simples do que criar a demanda. Se vivêssemos uma crise de falta de sentidos, não teríamos dificuldades para encontrar quem pudesse criá-los. A verdade é que, embora o sentido esteja em toda parte, a demanda por ele é declinante:

A massa absorve toda a energia social, mas não refrata mais. Absorve todos os signos e todos os sentidos, mas não os repercute. Absorve todas as mensagens e as digere. Ela dá a todas as questões que lhe são postas uma resposta tautológica e circular. Nunca participa. Perpassada pelos fluxos e pelos testes, ela se comporta como massa, se limita a ser boa condutora dos fluxos, mas de todos os fluxos, boa condutora da informação, mas de qualquer informação, boa condutora de normas, mas de todas as normas (BAUDRILLARD, 1985, p.28).

A noção de uma informação tautológica, ou seja, que se torna repetitiva, demonstramos que informação, conhecimento e comunicação não são termos que se sucedem ininterruptamente, como se houvesse entre eles uma ligação espontânea (SFEZ, 1996). O processo de comunicação está sujeito às interferências próprias dos canais e aos saberes preliminares do receptor, o que cria uma idéia de circularidade:

o saber sobre o qual a comunicação das informações vai incidir já existe e serve para interpretá-las. Mas este saber é, naturalmente, formado por mensagens anteriores, geradas por uma aprendizagem social e vindas de uma herança cultural, irrigada pelas experiências pessoais (SFEZ, 1996, p.6).

---

<sup>10</sup> LIPOVETSKY, G. L'ère du vide. Essais sur l'individualisme contemporain. Gallimar: 1983.

A capacidade de construção de novas formas de interação social, por meio de mecanismos de comunicação em uma perspectiva de circularidade, nos permite avançar em relação à abordagem de Baudrillard para afirmar que, nos movimentos organizados da sociedade, surgem mecanismos criativos de produção e compartilhamento do conhecimento. Só é possível admitir a capacidade de resistência dos atores sociais quando se admitem os conflitos internos da sociedade. Eles levam à conclusão de que os instrumentos de regulação social não conseguem impedir que, nas brechas existentes, os sujeitos sejam um modo de construção da experiência social, conforme destaca Touraine:

a vida social não pode mais ser descrita como um sistema social cujos valores, normas e formas de organização são estabelecidos e defendidos pelo Estado e outras agências de controle social, mas que ela deve, ao contrário, ser compreendida como uma ação e por isso como movimento, de sorte que ela é o conjunto das relações entre os atores sociais da mudança. Eis por que a maneira como é aqui reconstruída a unidade do campo social descarta absolutamente a idéia de sociedade, idéia de que é urgente que as ciências sociais sejam libertadas, porque a vida social, enquanto moderna, é marcada, de um lado, por inovações de um sistema de produção e de consumo, por outro, pela abertura aos desejos do Id, pelo apego do sujeito à defesa de uma tradição cultural, ao mesmo tempo que pela afirmação da sua liberdade e da sua responsabilidade (TOURAINÉ, 2002, p. 232).

Essa visão nos apresenta a tentativa de superar a imagem da modernidade como uma sociedade sem atores, que se divide em duas metades incomunicáveis: de um lado, a racionalidade instrumental; e de outro, o sujeito humano que emerge como criação. Para seguir em busca da união dos dois elementos, devemos questionar a concepção de Foucault (TOURAINÉ, 2002), segundo a qual o sujeito é uma construção do poder, que possibilita a existência de mais um mecanismo de dominação. Para Touraine (2002), esse raciocínio reduz a vida social a mecanismos de dominação, impedindo a emergência da idéia de um poder social, que está marcado pelo poder institucionalizado, mas que também se opõe a ele, produzindo

contestação e transformação. Assim, é fundamental que se perceba o conhecimento como produto social, que é apropriado na forma de matéria informacional pelos movimentos sociais, a fim de gerar solução para questões práticas (MARTELETO, 2002).

## **2.7 NARRATIVA E CONHECIMENTO NO CAMPO SOCIAL**

Dotar os indivíduos da capacidade de narrar suas próprias vidas é uma das possibilidades que viabilizariam a internalização dos conhecimentos expostos nas interações sociais. A conexão entre as experiências vividas e a atividade narrativa seria, segundo Ricoeur, uma necessidade transcultural, que teria o condão de promover um despertar em quem narra. Poderia-se afirmar “que o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal” (RICOEUR, 1994, p.85).

Ao admitir que um novo tempo se constitui quando o indivíduo consegue sistematizar e descrever suas experiências humanas, afirmamos que existem sempre histórias potenciais, não narradas. Quando percebidas, elas levariam a um processo de reinserção social de seus atores, a partir de nova compreensão da realidade. Ricoeur (1994) cita como exemplo a experiência psicanalítica, que seria para o paciente a possibilidade de transformar em história de vida fragmentos de histórias não narradas e reprimidas.

A perspectiva de uma sociedade que mova seus sujeitos para um processo de reencontro com a narrativa depende então de uma nova idéia de tempo, que possibilite a constituição de experiências comunicáveis. No prefácio de *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, de Walter Benjamim (1994), Jeanne Marie Gagnebin expressa as críticas do autor às maneiras de escrever a história a partir de uma concepção de tempo homogêneo e vazio, linear e cronológico. Ele propõe a idéia de um “tempo de agora”, caracterizado pela intensidade e pela brevidade, explicitamente baseado na tradição judaica, que contrapõe o tempo cronológico ao *Kairós*, tempo exato em que as coisas acontecem.

Na sociedade moderna, o desafio seria, na visão de Benjamim (1994), impedir que a apologia da experiência do indivíduo solitário (*Erlebnis*) iniba o florescimento de uma nova forma de narrativa a partir da experiência coletiva (*Erfahrung*). Para recuperar a *Erfahrung*, seriam necessárias condições básicas, dentre as quais a existência de comunidades de vida e de discurso. Nestes espaços de interação, a narrativa constitui uma maneira concreta de transmitir o conhecimento prático:

Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se ‘dar conselhos’ parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em conseqüência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros (BENJAMIM, 1994, p.200).

Nessa abordagem, a troca de experiências e de conhecimentos pressupõe que o narrador e o ouvinte façam parte de um mesmo fluxo de comunicação, que está sempre aberto para a possibilidade de construções conjuntas. Quem oferece um conhecimento faz a sugestão de que uma nova narrativa seja composta para a

construção aberta e permanente da história. A fim de que isso seja possível, a informação deve cumprir o papel de organizadora das experiências e não transmitir a idéia de que, em si mesma, tenha a capacidade de representar a experiência.

Ao analisar a comunicação nas sociedades modernas, Benjamim (1994) conclui que a narrativa está ameaçada pela explosão informacional. Somos bombardeados por informações durante todo o tempo, mas os fatos sempre nos chegam acompanhados das explicações. Em face desta realidade, é necessário admitir que a narrativa é uma “forma artesanal de comunicação”, que exige uma relação dinâmica, na qual a informação age como um elemento vivo, destinado a reconstruir o mundo de quem narra: “(a narrativa) não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (BENJAMIM, 1994, p. 205).

Seguindo essa idéia, devemos considerar que a dinâmica do campo social, recoberto por interações e formas criativas de comunicação, possibilita à informação ser experimentada como uma organizadora de sentidos. Nos novos ambientes de contato dos atores sociais, as interações operam como mediadoras de uma transformação possível, que é vislumbrada a partir da experiência de narrar:

A luta pela cidadania ou a ampla partilha desses poderes a favor das maiorias deserdadas tem relação direta com o acesso à informação. Não simplesmente a informação repassada pelos técnicos e pelos meios tecnológicos, mas aquela processada nas mediações sociais. Nestas, os sentidos e os dados não emanam exclusivamente das elites do conhecimento, num vetor de difusão dirigido às massas ignaras. Para além da divulgação autorizada das fontes científicas, os comunicadores captam, nos diversos segmentos sociais, as necessidades humanas. Assim, produtores-criadores da ciência, da filosofia, da arte, do cotidiano, das sabedorias intuitivas e transcendentais entrelaçam, como protagonismo, os significados da contemporaneidade. Que fenômeno deve dar conta da tessitura dos nexos? A comunicação social (MEDINA, 2003, p.95,96).

Se no mundo real o indivíduo percebe as possibilidades de transformação quando compartilha experiências concretas, para compreender os significados que lhe são apresentados ele necessita conectar os conhecimentos com a experiência vivida. O processo de construção de sentidos demandaria então a capacidade de se expressar: “ao narrar o mundo, a inteligência humana organiza o caos em um cosmos” (MEDINA, 2003, p.47). Quando enuncia a sua história, o narrador se apresenta com uma identidade reconstruída.

### **3. AS INTERAÇÕES SOCIAIS NO TERCEIRO SETOR**

### 3.1 O CONCEITO DE TERCEIRO SETOR

A expressão Terceiro Setor foi cunhada em 1978, pelo norte americano John Rockefeller, para descrever a vitalidade da sociedade civil dos Estados Unidos. O conceito tornou-se mundialmente aceito, o que não significa dizer que seja absolutamente compreendido. De forma simples e abrangente, diz-se que o Terceiro Setor é o espaço formado pelas organizações privadas com finalidade pública.

Pela natureza privada de sua atuação, ele difere do Primeiro Setor, onde se colocam as organizações governamentais. Por não objetivar o lucro, não se confunde com o Segundo Setor, que reúne organizações não-governamentais lucrativas. Portanto, pode-se afirmar que o Terceiro Setor é formado por organizações não-governamentais não lucrativas.

Segundo Prando e Figueiredo (2006), essas organizações têm algumas características comuns: não há proprietários; possuem autonomia diretiva; suprem parcialmente o papel do Estado em determinadas necessidades sociais; possuem estrutura e presença institucionais; são constituídas pelo interesse social; são agentes econômicos; precisam obter recursos para a própria sobrevivência; não distribuem resultados entre seus membros e colaboradores; podem gozar de privilégios fiscais.

Tomando-se apenas essa conceituação abrangente e a personalidade jurídica de direito privado das organizações, estabelecida na legislação brasileira, estaríamos

diante de uma realidade que insere no Terceiro Setor todas as associações, fundações, organizações religiosas e partidos políticos. Valeria afirmar assim que os sindicatos, clubes de futebol, entidades de classe ou condomínios residenciais, por exemplo, integram o setor.

Entretanto, quando nos referimos a certo conjunto de organizações que se caracterizam pela natureza solidária de suas ações, pelo trabalho de base comunitária e pelas questões centrais de sua atuação (dentre as quais, a superação da pobreza, o desenvolvimento sustentável, a filantropia, a preservação do meio ambiente e o socorro em situações de emergência), estamos diante de um segmento marcante do Terceiro Setor, composto pelas popularmente chamadas organizações não-governamentais (ONGs).

### **3.2 AS ORGANIZAÇÕES NÃO- GOVERNAMENTAIS E O ESPAÇO PÚBLICO**

Também não é tarefa fácil estabelecer conceitos definitivos para designar as ONGs. Souza Cabral <sup>11</sup> (2004), citados por Clemente e Liberal (2006), afirmam que as ONGs reúnem conjuntos de atributos de representatividade de interesses coletivos, democratização, qualidade e efetividade de serviços, visibilidade social, universalidade, cultura pública, autonomia e controle social.

---

<sup>11</sup> SOUZA CABRAL, E. *Reptos para o terceiro setor: pertinência ao espaço público não estatal, da perspectiva da gestão*. Tese (Doutorado) – PUC, São Paulo, 2004.

Coelho<sup>12</sup> (1985, *apud* CLEMENTE e LIBERAL, 2006) classifica as ONGs em quatro grandes grupos: o grupo da filantropia, que abrange especialmente as áreas da criança, da juventude, da mulher e do idoso, com a prestação de serviços assistenciais e educacionais; o grupo do desenvolvimento sustentável, que tem foco no meio ambiente e na economia integrada; o grupo da cidadania, que atua no campo das reivindicações de direitos; e o grupo dos ambientalistas, que discute questões ecológicas, tentando influenciar a opinião pública.

Segundo Clemente e Liberal (2006), as características destas organizações demonstram que elas não têm a capacidade de substituir o Estado em suas atribuições básicas:

Essa contribuição compreende que as ONGs ou o Terceiro Setor colaboram para a ampliação da noção de público não como função, mas como um espaço que pode desenvolver um processo de publicização. Não se trata, nesse caso, de uma substituição do papel do Estado, porém de uma colaboração para caracterizar a publicidade e também indicar alternativas ao Estado (CLEMENTE e LIBERAL, 2006, p.32).

Mas uma corrente significativa de pesquisadores entende que o fenômeno de proliferação das organizações não-governamentais tem relação significativa com o enfraquecimento do Estado, notadamente nas duas últimas décadas do século XX. Diante da dificuldade de financiar os benefícios sociais, diversos países assumiram como definitiva a idéia de Estado mínimo e criaram condições para que as ONGs se auto-proclamassem representantes da sociedade civil na execução das ações sociais.

---

<sup>12</sup> COELHO, S. *Terceiro setor*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Ao assumirem as atribuições de um Estado privatizado, as ONGs reivindicaram um novo posicionamento na arena das relações sociais. Constituindo um novo arranjo de organização social, essas associações civis ocuparam os espaços abandonados pelo Estado neoliberal e, executando atividades sociais, econômicas e políticas de grupos particulares, “passaram a reivindicar o caráter público de seus interesses, exigindo reconhecimento, regulação e salvaguardas das suas instituições” (DUPAS, 2003, p.74).

Contribui ainda para a configuração das ONGs como importantes atores da esfera pública na sociedade contemporânea a crise de representação política deflagrada no contexto da nova ordem mundial. O modelo dominante reservou ao Estado e à classe política o papel de administrar com eficiência, regulando a economia, gerando bons resultados nas contas públicas e cuidando dos serviços básicos para a população. Na perspectiva de Bernardo Sorj, os partidos, “em vez de portadores de utopias, transformaram-se em administradores de pressões” (SORJ, 2004, p.64).

Como discursos moderados, que produzem um movimento em direção ao centro político, os governos abdicaram das causas morais. A idéia da política associada aos ideais deixou de ter relevância e os discursos de protesto moral ficaram reservados às organizações da sociedade civil. Como avalia Sorj,

à medida que os produtores de ‘causas morais’ se assumem como defensores e ‘representantes’ dos setores marginalizados, consolida-se um processo de afastamento entre a ‘lógica do sistema’, à qual os partidos políticos parlamentares estariam condenados a servir, e as reivindicações dos grupos excluídos, veiculadas por organizações não-governamentais (SORJ, 2004, p.66).

Embora não consigam demarcar com clareza os resultados de sua atuação no espaço público privatizado, as organizações não-governamentais conquistaram para si uma imagem de eficiência quase incontestável. Como reação à ausência do Estado na área social convencionou-se afirmar que as ONGs podem abarcar as demandas reivindicatórias dos grupos organizados de forma democrática e original. Colabora para a construção dessa imagem a postura da mídia, que tem assumido, quase unanimemente, o papel de porta-voz da chamada sociedade civil, a partir da lógica dos meios de comunicação segundo a qual os fenômenos de reação à ordem estabelecida devem ser destacados.

A definição clara do número de ONGs na América Latina não é tarefa fácil. Em 1990, por meio de um estudo baseado em um catálogo de organizações não-governamentais produzido pela Fundação Latinoamericana, estimava-se em 4.327 o número de ONGs no continente (GARRISON, 2000). O Brasil tinha 1010, o maior número de organizações desta natureza. Em 1988, foi realizado no país o primeiro estudo sobre o tema (LANDIM e FERNANDES<sup>13</sup>, 1988 *apud* GARRISON, 2000), que apontou para a existência de 1.041 ONGs localizadas em 24 Estados e 231 municípios. Dez anos depois, as estimativas eram de que havia entre 4 e 5 mil ONGs no Brasil (LANDIM<sup>14</sup>, 1988, *apud* GARRISON, 2000).

Pesquisa realizada pelo IBGE em 2002 mostrou que o crescimento do número de ONGs no Brasil foi significativo durante a década de 90. A pesquisa “As Fundações

---

<sup>13</sup> LANDIM, L.; FERNANDES, R. C. *Sem fins lucrativos: as organizações não-governamentais no Brasil*. Rio de Janeiro: ISER, 1988.

<sup>14</sup> LANDIM, L. (Org.). *Ações em sociedade: militância, caridade, assistência, etc.* Rio de Janeiro: Nau Editora, 1988.

Privadas e Associações sem Fins Lucrativos no Brasil”<sup>15</sup> revelou que existiam no país 276 mil entidades sem fins lucrativos. Embora o estudo se refira a 14 categorias de entidades, de organizações sociais a fundações mantidas por recursos públicos, passando por partidos políticos e condomínios de edifícios, ele demonstra a vitalidade da chamada sociedade civil, incluindo as ONGs. Em 1996, já havia 105 mil dessas organizações, e até 2002 o crescimento do setor foi de mais de 150%.

Como prestadoras de serviços, as ONGs vivem um processo de sofisticação profissional nas mais diversas áreas. Atualmente, elas atuam em campos tão distintos que pretendem atender às demandas da população tal qual deveria fazer o Estado. Nos países em desenvolvimento, as ONGs prestam serviços nas áreas de saúde, educação, desenvolvimento comunitário, microfinanças, agricultura, dentre outras. Esta nova forma de atuação é responsável pelo atual incremento do Terceiro Setor:

A mudança de papel, substituindo o trabalho de cunho mais político dos anos 70 pela prestação de serviços mais especializados nos anos 90, não significa, por outro lado, um distanciamento das ONGs de suas antigas atividades de mobilização popular. O que parece ser radicalmente novo é o conteúdo dos serviços sociais oferecidos pelas ONGs, agora estruturado no âmbito de um espaço institucional capaz de influenciar a formulação e implementação das políticas públicas (LUBAMBO e GUIMARÃES<sup>16</sup>, 1998, p.146, *apud* GARRISON, 2000, p.32).

A proposta de Salomon e Anheier<sup>17</sup> (1992 *apud* FERNANDES, 1994, p.27) para a classificação internacional de organizações sem fins lucrativos demonstra que praticamente não há limites para a atuação das entidades da sociedade civil. A

---

<sup>15</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil*. 2000.

<sup>16</sup> LUBAMBO, Catia; GUIMARÃES, Sueli. *O prezeis: uma estratégia de ação coletiva para uma conquista social*. Abong, 1998.

<sup>17</sup> SALOMON, L.; ANHEIER, H. *In search of the non-profit sector*. In: The question of definitions. *Voluntas* 3/2, Manchester, Manchester University Press, 1992.

proposta segue os sistemas de classificação industrial utilizados nas contabilidades e apresenta os seguintes grupos:

Grupo 1 -	<b>Cultura e Recreação</b> 1 100 cultura e artes 1 200 recreação 1 300 clubes de serviço
Grupo 2 -	<b>Educação e Pesquisa</b> 2 100 educação primária e secundária 2 200 educação superior 2 300 outra educação 2 400 pesquisa
Grupo 3 -	<b>Saúde</b> 3 100 hospitais e reabilitação 3 200 asilos 3 300 saúde mental e intervenção crítica 3 400 outros serviços de saúde
Grupo 4 -	<b>Serviços sociais</b> 4 100 assistência social 4 200 apoios emergenciais 4 300 apoios econômicos
Grupo 5 -	<b>Meio Ambiente</b> 5 100 meio ambiente 5 200 proteção de animais
Grupo 6 -	<b>Desenvolvimento e habitação</b> 6 100 desenvolvimento econômico, social e comunitário 6 200 habitação 6 300 emprego e formação
Grupo 7 -	<b>Direitos civis, defesa de direitos, política</b> 7 100 – organizações de defesa de direitos civis 7 200 – lei e serviços legais 7 300 – partidos políticos
Grupo 8 –	<b>Intermediários filantrópicos e promoção de voluntariado</b>
Grupo 9 -	<b>Internacional</b>
Grupo 10 -	<b>Business, Associações Profissionais, sindicatos</b>
Grupo 11 -	<b>Religião</b>
Grupo 12-	<b>Outros</b>

### 3.3 A ATUAÇÃO DAS ONGs

Neste contexto, em que as ONGs estabelecem uma divisão compartilhada do espaço público como fornecedoras de serviços para a sociedade, parece pouco provável que não haja uma contaminação do Terceiro Setor pela racionalidade do

sistema. Segundo Fernandes (1994), esta assimilação da lógica pragmática se dá em torno do surgimento de uma inovação institucional representada pela figura do chamado “projeto”. Para ter acesso aos financiamentos, as ONGs tiveram que desenvolver a capacidade de apresentar suas propostas de atuação social por meio de um instrumento no qual pudessem registrar de maneira clara seus propósitos, cronogramas, orçamentos e indicadores de resultados.

Atuando nessa perspectiva, os criadores das organizações passam a se reconhecer como “quadros das ONGs”, treinados para pensar de maneira estratégica. Foi assim que, nas décadas de 70 e 80, as organizações começaram a se tornar centros de excelência:

As ONGs tornaram-se centros de recursos humanos (assessorias, informações, materiais pedagógicos, formação, elaboração de projetos etc), postos a serviço das associações comunitárias e dos movimentos sociais. Criou-se, desta forma, um circuito não-governamental de cooperação que tem sido capaz de articular iniciativas tomadas nos mais diversos planos da sociedade civil (FERNANDES, 1994, p.129).

Os quadros das ONGs passaram a se constituir, de forma caracteristicamente acentuada, de intelectuais oriundos da academia, que, tecnicamente, se caracterizam como assessores. Na relação com o movimento social, eles experimentam a possibilidade da construção compartilhada do conhecimento, a partir de três eixos (MARTELETO e RIBEIRO, 2001):

- a) O conhecimento produzido pelos órgãos oficiais acerca da condição de vida da população;
- b) o conhecimento acadêmico, que procura analisar os processos de produção da desigualdade social;

c) o conhecimento dos sujeitos que vivem concretamente a realidade social da miséria e da injustiça econômica.

Tendo como referência as possibilidades de interações, as ONGs atribuem à informação a potencialidade de produzir transformações, desde que viabilizadas as condições para que os sujeitos experimentem as possibilidades da comunicação e das trocas informacionais. Percebe-se aqui a idéia de que o conhecimento se transforma em algo que apóia uma ação específica numa situação específica, conforme afirma Wersig: “Informação é conhecimento em ação” (1993, p.233).

Cabe ressaltar, entretanto, que as interações estabelecidas entre as ONGs e as comunidades não são desprovidas do exercício da coerção. A dupla negação característica das organizações, que se denominam “não-governamentais” e “não-lucrativas”, faz crer que as ONGs sejam independentes da estrutura econômica e não se confundam com o poder do Estado, não podendo assim utilizar da violência para impor suas iniciativas (FERNANDES, 1994). A coerção se daria por meio da imposição de valores, que depende da capacidade de persuasão e convencimento: “o Terceiro Setor não é feito de matéria angelical. A persuasão gera coerções morais e ideológicas cujo poderio sobre os indivíduos não há de ser subestimado” (FERNANDES, 1994, p.24).

Para compreender a relação estabelecida entre os diversos atores que interagem nesse espaço, podemos nos valer da análise de Bordieu (1998), segundo a qual uma teoria sobre o espaço social exige rupturas com a teoria marxista, que tende a privilegiar a classe social teórica, em detrimento das relações; a reduzir o campo

social ao campo econômico; e a ignorar as lutas simbólicas desenvolvidas nos diferentes campos nos quais está em jogo a representação do mundo social.

Uma análise preliminar da ação das ONGs deve ser baseada na característica fundamental destas organizações, que é o apelo a um processo de construção social que gere a independência das comunidades. Sendo assim, esta conexão entre “os quadros das ONGs” e as comunidades não pode ser percebida a partir de uma análise marxista, que designa os intelectuais do campo social como “a consciência do exterior”. Para Bourdieu (1998), esta perspectiva de um mundo social unidimensional, reduzido ao campo econômico, deve dar lugar à visão de um espaço social multidimensional, que se constitui de subespaços nos quais os ocupantes de posições dominadas e dominantes estão ininterruptamente envolvidos em lutas de diferentes formas, sem se constituírem necessariamente em grupos antagonistas.

No mundo social, o trabalho de produção e imposição de sentidos se dá nas lutas que se travam no campo de produção cultural:

o conhecimento do mundo social e, mais precisamente, as categorias que o tornam possível, são o que está, por excelência, em jogo na luta política, luta ao mesmo tempo teórica e prática pelo poder de conservar ou transformar o mundo social conservando ou transformando as categorias de percepção desse mundo (BORDIEU, 1998, p.141).

A luta pela hegemonia do poder simbólico não inviabiliza, entretanto, o estabelecimento de alianças que concorram para a efetivação do ideário das ONGs. Segundo Bourdieu (1998), os intelectuais, que em alguma instância também estão na posição de dominados, podem oferecer aos sujeitos dominados, “mediante uma

espécie de desvio de capital cultural acumulado”, os meios para que constituam uma visão do mundo e a representação dos seus interesses.

## **4. ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Dentre as características da pesquisa em Ciências Sociais, podem se destacar, segundo Minayo (1994): a historicidade do objeto, visto que as sociedades humanas existem em espaços determinados, com formação social e configuração específicas; a consciência histórica do objeto, compreendida pelo fato de que não somente o pesquisador dá sentido a seu trabalho, mas também os grupos envolvidos nas ações; a identidade entre o objeto e o sujeito, quando o observador é parte de sua observação; o componente ideológico intrínseco e extrínseco, expostos na veiculação de interesses e visões de mundo historicamente definidos; e a essência qualitativa do trabalho.

Essas características estão presentes nesta pesquisa com maior ou menor intensidade. Entretanto, faz-se necessário afirmar que elas não devem ser vistas como excludentes de características próprias de outros campos da ciência. Quando se afirma, por exemplo, que esta pesquisa é basicamente qualitativa, não se descarta a busca de informações quantitativas, que ajudem a explicar os fenômenos sociais.

A pesquisa qualitativa procura respostas para fenômenos que não podem ser facilmente quantificados, pois

trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p.21).

Minayo afirma, porém, que não se deve estabelecer uma oposição entre dados quantitativos e qualitativos, que podem se complementar.

Opinião semelhante tem Chizzotti (1991), para quem a coleta de dados quantitativos nas pesquisas sociais ajuda a estabelecer uma relação mais extensa entre fenômenos particulares. Ele sugere apenas que os dados sejam compreendidos como acontecimentos fixos, captados em determinados instantes de observação. O pesquisador deve ter em mente que a abordagem qualitativa se fundamenta na relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito: “o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado” (CHIZZOTTI, 1991, p.79).

Além de ter uma ênfase qualitativa, sem desconsiderar a busca de dados quantitativos, esta é uma pesquisa exploratória. Segundo Gil, as pesquisas exploratórias têm o objetivo de desenvolver conceitos e idéias que se transformem em problemas mais precisos para estudos posteriores: “este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” (GIL, 1987, p.45).

Para responder às questões apresentadas na pesquisa optou-se pela realização de um estudo de caso que tem como objeto o projeto social chamado Maternidade Saudável, desenvolvido em parceria entre a organização não-governamental Visão Mundial e a organização Ação Comunitária Sal da Terra, destinado ao atendimento de adolescentes e jovens grávidas de comunidades da zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

O estudo de caso se caracteriza pela análise exaustiva de um ou de poucos objetos, a fim de que eles sejam compreendidos de maneira aprofundada. Gil (1987) considera que o estudo de caso tem limitações metodológicas, sendo a principal delas a impossibilidade de generalização dos resultados da pesquisa quando os objetos não são selecionados de forma adequada. Entretanto, ele afirma que os estudos de caso são recomendáveis nas fases iniciais da investigação de temas complexos e pouco explorados.

As objeções a este tipo de pesquisa podem ser superadas por meio de uma boa seleção de casos. Sabino, citado por Gil (1987), propõe a escolha de casos típicos, quando se busca encontrar o tipo ideal da categoria; de casos extremos, para fornecer uma idéia dos limites dentro dos quais as variáveis podem oscilar; de casos marginais, para, por contraste, conhecer a pauta dos casos normais e as possíveis causas de desvio.

Os autores consideram que a boa escolha dos casos pode validar a relevância das pesquisas. Assim, segundo Gil, “é possível que as conclusões do estudo apresentem um valor muito alto e que possam ser generalizadas para todo o universo, com razoável grau de confiança” (1987, p.80). Para Chizzotti, “o caso deve ser uma referência significativa para merecer a investigação e, por comparações aproximativas, apto para fazer generalizações a situações similares” (1991, p.102).

Nesta pesquisa, a escolha do caso estudado levou em consideração determinadas características, que poderiam contribuir para a melhor compreensão das questões investigadas:

a) Consolidação do relacionamento entre a ONG e a comunidade beneficiária: o projeto estudado se desenvolve no contexto de um programa social de longa duração, criando um ambiente propício para que se verifique a efetividade dos mecanismos de troca de informação e internalização de conhecimento;

b) Cultura de armazenamento e troca de informação: uma das características marcantes do projeto é o desenvolvimento de mecanismos de troca de informação entre os diversos atores envolvidos. Estas trocas se estabelecem por meio de materiais de formação desenvolvidos especificamente para o projeto e das interações experimentadas nas reuniões das educadoras com as adolescentes;

c) Ênfase no fortalecimento das capacidades das adolescentes e jovens atendidas: a investigação de um projeto que busca fazer de seus beneficiários protagonistas de sua transformação permitiria a melhor compreensão do fenômeno de internalização do conhecimento por parte dos indivíduos atendidos.

e) Inserção do pesquisador na organização: como funcionário da ONG Visão Mundial, o pesquisador teve acesso às informações de forma ampla. Destaca-se que foram buscados o distanciamento e a objetividade necessários para a análise científica dos fenômenos pesquisados. Isso foi possível, sobretudo, pelo fato de que o pesquisador nunca teve envolvimento profissional com o projeto investigado.

#### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO

A Visão Mundial Internacional se define como uma Organização Humanitária Cristã que serve às crianças, suas famílias e comunidades a fim de combater a pobreza por meio de programas de desenvolvimento transformador, socorro em situações de emergência e promoção da justiça. No ano de 2005, a organização atuou em 94 países, alcançando 100 milhões de pessoas em seus projetos, com orçamento global de U\$ 1,973 bilhão (um bilhão, novecentos e setenta e três milhões de dólares)<sup>18</sup>.

A *World Vision* foi fundada em 1950 pelo norte-americano Bob Pierce, que integrava uma cruzada de estudantes evangelistas conhecida como *Youth for Christ*. A organização surgiu durante a Guerra da Coreia, na qual Pierce atuou como jornalista para uma revista cristã. Embora apresentasse na sua origem a vocação missionária, a *World Vision* tinha como base de atuação a assistência às crianças órfãs da guerra. Por meio de um programa de apadrinhamento, cidadãos norte-americanos, na sua maioria membros de igrejas protestantes, enviavam recursos para instituições coreanas, que providenciavam alimentação, roupas e educação para as crianças.

A partir da Coreia, o trabalho da *World Vision* se estendeu a outros países asiáticos: Hong Kong, Taiwan, Indonésia e Vietnã. O escritório canadense foi aberto

---

<sup>18</sup> Informações do Relatório Anual da Organização, referentes ao período de outubro de 2004 a setembro de 2005.

em 1957. Bob Pierce foi presidente da organização até 1967, quando uma grave crise financeira quase impediu a continuidade do projeto.

No início da década de 70, sob a presidência de Stan Mooneyham, a *World Vision* começou o seu processo de internacionalização, com a implementação de programas de desenvolvimento, a atuação em situações de catástrofe e emergência, uma maior exposição na mídia e o incremento das atividades de levantamento de fundos.

A principal mudança da forma de atuação da *World Vision* foi provocada pela constatação de que o programa de apadrinhamento de crianças não se dirigia às causas básicas da pobreza. Passou-se então a adotar uma abordagem desenvolvimentista do cuidado infantil, estabelecendo-se parcerias com as comunidades nas quais os projetos eram implementados.

Em 1978, quando havia entidades financiadoras e atividades operacionais em mais de 10 países, foi assinada uma *Declaração de Internacionalização*, estabelecendo a organização *World Vision International* e o *Conselho Internacional*, que se reuniria a cada três anos a partir de 1980.

Ao longo dos anos, a organização abandonou a ênfase de um ministério de alcance evangelístico e passou a integrar aos projetos o conceito de testemunho cristão. Foram enunciadas políticas organizacionais que reafirmavam o caráter cristão da *World Vision International*, mas condenavam o proselitismo religioso e proclamavam

o perfil ecumênico da organização, que se aproximava de outros grupos cristãos, sobretudo da Igreja Católica Romana.

#### **4.1.1 A VISÃO MUNDIAL NO BRASIL**

A Visão Mundial começou a atuar no Brasil em 1961, com o apadrinhamento de crianças acolhidas por entidades assistenciais. Entretanto, somente em 1975 a organização estabeleceu um escritório no país, na cidade de Belo Horizonte. Seis anos depois, havia quase 25 mil crianças atendidas pelos programas de apadrinhamento.

Na segunda metade da década de 80, a organização experimentou uma forte expansão geográfica no país, buscando desenvolver iniciativas inovadoras nos projetos e aprofundar uma estratégia de organização de base. Para atender a esses objetivos, a Visão Mundial expandiu sua capacidade operacional em dois eixos:

- Horizontal: reorientação do *staff* para melhorar a capacidade de responder às novas necessidades dos projetos;

- Vertical: adição de habilidades operacionais em áreas como micro-crédito urbano e rural, melhoria de recursos hídricos, desenvolvimento de comércio, HIV/AIDS, educação profissional, dentre outras.

A organização também buscou um aprimoramento de seus mecanismos institucionais, com o fortalecimento de seu sistema de governança, baseado em uma

diretoria formada por voluntários, e com o investimento em ações para levantamento de fundos no Brasil, o que diversificou as fontes de financiamento.

No ano de 2005, a Visão Mundial Brasil teve uma receita de mais de R\$ 36 milhões (trinta e seis milhões de reais), sendo 73% de doações do exterior e 27% de fundos locais. A organização desenvolveu 61 projetos em 13 estados e 38 municípios, tendo alcançado 1.062.419 beneficiários diretos e 3.866.950 beneficiários indiretos<sup>19</sup>.

#### **4.1.2 PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DE ÁREA**

As ações programáticas da Visão Mundial são realizadas a partir de uma metodologia principal chamada de Programa de Desenvolvimento de Área (PDA). Os PDAs se caracterizam por um conjunto articulado de ações e projetos implementados em uma área geográfica delimitada, com o objetivo de promover o desenvolvimento das comunidades pobres.

A fim de superar o caráter assistencialista dos primeiros projetos da organização, a Visão Mundial começou a trabalhar nos anos 90 com o conceito de desenvolvimento, definindo-o como

um processo pelo qual crianças, famílias e comunidades se movem em direção à integralidade da vida com dignidade, justiça e esperança, que seja

---

<sup>19</sup> Informações do Relatório Anual da Organização, referentes ao período de outubro de 2004 a setembro de 2005.

baseado na comunidade e sustentável, focado especialmente no bem estar de meninas e meninos, considerando as suas necessidades físicas, emocionais, sociais e espirituais<sup>20</sup> (PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DE ÁREA, 2004, p. 9).

Os Programas de Desenvolvimento de Área são implementados em parceria com outras organizações não-governamentais já instaladas nas localidades em que se desenvolverão os projetos. Embora sejam organizações independentes, elas assumem o compromisso de estabelecer planejamentos conjuntos. Assim, a Visão Mundial atua financiando, assessorando e disseminando estratégias de desenvolvimento, enquanto os parceiros locais executam as ações e estabelecem as redes de contato com os integrantes da comunidade.

Os projetos e ações realizados nos PDAs obedecem às seguintes áreas temáticas específicas: desenvolvimento infanto-juvenil (educação e saúde), desenvolvimento econômico, desenvolvimento agroecológico, desenvolvimento comunitário, direitos humanos, desenvolvimento de recursos hídricos, desenvolvimento espiritual e habitação/moradia.

#### **4.1.3 PROJETO MATERNIDADE SAUDÁVEL**

O Projeto Maternidade Saudável foi realizado inicialmente no PDA *Amigos para Sempre*, implementado a partir da parceria entre a Visão Mundial e a entidade Ação Comunitária Sal da Terra. O PDA está localizado na zona norte do Rio de Janeiro, junto às comunidades dos bairros Lins de Vasconcelos e Sampaio. Os moradores da

---

<sup>20</sup> VISÃO MUNDIAL. *PDA – Programa de Desenvolvimento de Área*. Belo Horizonte, 2004. p.9.

região convencionaram dividi-la entre o asfalto, onde moram pessoas de classe média baixa, e o morro, onde vivem os mais pobres e os que se encontram na linha da miséria ou abaixo dela. Os morros são dominados por um poder paralelo conduzido pelas facções de narcotraficantes, que impõem suas regras por meio da violência.

O PDA *Amigos para Sempre* começou suas atividades em outubro de 1998, com previsão de encerramento do convênio em setembro de 2016. O diagnóstico inicial<sup>21</sup> apontava o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) da região como um dos mais baixos do Rio de Janeiro. A situação da área de saúde era considerada precária, visto que o único posto de saúde da localidade não conseguia atender a demanda da população. Na região, caracterizada por ocupações de terra, grande parte das moradias estava em situação de risco. Havia deficiências na coleta de lixo e no saneamento básico. Também eram apontados como problemas sérios na área do PDA o narcotráfico, que seduzia crianças, adolescentes e jovens, e o estímulo à promiscuidade sexual, que elevava os índices de portadores de doenças sexualmente transmissíveis (DTS) e de gravidez na adolescência.

Nesse contexto, foi criado em 2002, no âmbito das ações do PDA, o Projeto Maternidade Saudável, que tinha o objetivo de orientar adolescentes e jovens grávidas sobre os cuidados com a gravidez e com o recém-nascido. O projeto tinha ainda como foco o desenvolvimento de uma cultura comunitária local que procurasse conscientizar adolescentes e jovens sobre uma sexualidade saudável, a fim de evitar doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez precoce.

---

<sup>21</sup> VISÃO MUNDIAL. *Documento Diagnóstico do PDA Amigos para Sempre*. Belo Horizonte, 1998.

A dinâmica do projeto enfatizava a troca de informações entre os educadores e as adolescentes e jovens. As atividades eram desenvolvidas em oficinas que abordavam a questão da sexualidade, dos cuidados com a gravidez, da necessidade do pré-natal, da amamentação, do parto natural, e buscavam levar a uma melhora da auto-estima, à atenção com o recém-nascido e à maternidade responsável. Além disso, havia atividades de capacitação profissional. A equipe responsável pela formação das jovens e adolescentes era composta por uma coordenadora geral, uma assistente social, uma psicóloga, uma educadora sexual, uma nutricionista, uma artesã, uma costureira e uma educadora religiosa.

Tal qual concebido originalmente, as atividades do projeto Maternidade Saudável eram realizadas no período de um ano. Em 2002, 30 adolescentes e jovens participaram do projeto e, em 2003, foram 24. Cada participante recebia uma bolsa-auxílio mensal de 50 reais, além de alimentação fornecida no local em que eram realizadas as atividades. O grupo se reunia durante 3 horas, em três dias de cada semana.

A partir de 2004, a falta de financiamentos específicos para o Maternidade Saudável provocou mudanças estruturais no projeto. Ele deixou se caracterizar por uma ação de longo prazo, que envolvia uma equipe multidisciplinar, e foi incorporado ao rol de atividades do PDA, realizadas de acordo com disponibilidades orçamentárias. Em 2006, o projeto passou a ser desenvolvido por meio de uma parceria entre a Visão Mundial e o departamento de Psicologia da Universidade Estácio de Sá. Nesta nova fase, as adolescentes e jovens grávidas passaram a ter exclusivamente atendimento psicológico.

## 4.2 INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

As decisões sobre as estratégias de coleta de dados foram tomadas na fase exploratória da pesquisa, quando o pesquisador pôde se reunir por duas vezes com as coordenadoras do Projeto Maternidade Saudável, além de analisar documentos de diagnóstico do PDA e relatórios do projeto. Nessa fase, constatou-se que a abordagem das adolescentes e jovens deveria ser feita com instrumentos simples de coleta de dados, tendo em vista o perfil sócio-educacional das participantes do projeto. Também foram avaliados os aspectos mais relevantes para o processo de aprendizado e definidos os critérios para a escolha o período pesquisado.

Para atender aos objetivos desta pesquisa, estabeleceu-se como recorte de análise do objeto os anos de 2002 e 2003. A escolha se justifica pelo fato de que, nesse período, o Projeto Maternidade Saudável manteve as características originais, que podem contribuir melhor para a busca de respostas à problematização apresentada. As turmas atendidas nos dois anos em questão estiveram expostas a um conjunto intensivo de atividades e mantiveram relações com um número maior de educadoras.

Além disso, ao lançar o foco da investigação apenas no período proposto, o objetivo foi evitar que a análise apresente distorções. Na medida em que, posteriormente, o projeto apresentou mudanças de metodologia, observaram-se também variações na sistemática das trocas informacionais e no compartilhamento dos conhecimentos. As participantes das diferentes fases do projeto não tiveram o mesmo nível de contato com os educadores e não tiveram acesso às mesmas informações.

A partir dessa definição, a pesquisa concentrou a coleta de dados em dois grupos de atores envolvidos no Projeto Maternidade Saudável: as 54 adolescentes e jovens inscritas no projeto nos anos de 2002 e 2003 e as sete educadoras e profissionais que coordenaram as atividades no mesmo período.

Foram levantadas informações com os dois grupos, a partir de questionários distintos. As adolescentes e jovens, que têm níveis baixos de escolaridade, receberam instruções para responder a um questionário que continha apenas questões fechadas, enquanto as educadoras responderam a um questionário com questões fechadas e abertas, permitindo análises mais qualitativas.

Lançando-se mão de questionários com questões fechadas e abertas como instrumento de coleta de dados, pretendeu-se estabelecer análises qualitativas e quantitativas acerca dos aspectos que poderiam colaborar para uma maior assimilação do conhecimento a partir das trocas informacionais estabelecidas no projeto. A investigação teve como categoria central de análise as interações sociais, imprescindíveis para a compreensão dos saberes compartilhados. A partir dos dados coletados nos questionários, buscou-se avaliar quais dos seguintes aspectos relacionados com as interações do grupo seriam mais ou menos importantes no processo de internalização do conhecimento por parte das adolescentes e jovens, visando ao desenvolvimento do aprendizado:

- 1) O “lugar social” ocupado: a relação entre a capacidade de assimilação, a escolaridade e a inserção positiva na família e na comunidade;
- 2) A capacidade cognitiva: a competência para decodificar a informação;

- 3) O acesso às informações por variadas fontes;
- 4) O acúmulo de informações anteriores;
- 5) A capacidade de conectar o passado, o presente e o futuro, a partir das informações compartilhadas.

Os objetivos básicos dos questionários aplicados às educadoras do projeto foram dois: obter uma avaliação sobre o impacto das informações transmitidas para a transformação da realidade das adolescentes e jovens, por meio da assimilação de conhecimentos; e compreender quais seriam, dentre os cinco aspectos analisados, os mais importantes para o êxito do processo de troca de informação e internalização de conhecimento. O questionário apresentado às educadoras propunha escalas para avaliar o grau de importância de cada um dos aspectos.

O questionário utilizado para as adolescentes e jovens participantes do projeto não apresentou perguntas diretas sobre os aspectos analisados. Embora se pretendesse avaliar em que medida as adolescentes e jovens perceberam a importância de cada aspecto para os resultados de sua participação nas atividades durante um ano, formulou-se um conjunto de perguntas com terminologia simples, que, indiretamente, possibilitassem uma análise consistente do problema. É necessário admitir que a tarefa não foi simples. Entretanto, não seria possível levar o grupo pesquisado a compreender conceitos mais elaborados sobre o problema de pesquisa.

Na fase de coleta de dados, o pesquisador optou por aplicar pessoalmente os questionários das adolescentes e jovens que participaram do Projeto Maternidade Saudável no período pesquisado. Esta escolha metodológica levou em conta o fato

de que o contato pessoal com as participantes do projeto seria necessário para garantir a melhor compreensão das questões apresentadas, bem como respostas mais representativas e fidedignas.

O acesso às adolescentes e jovens exigiu um esforço adicional à pesquisa. Primeiramente, porque elas vivem em pontos dispersos nas comunidades de Dona Francisca, Cachoeira Grande, Amor, Vila Cabuçu, Cotia e Queto, localizadas no entorno do bairro de Lins, zona norte do Rio de Janeiro. Além disso, como a etapa analisada do projeto aconteceu nos anos de 2002 e 2003, muitas das participantes já se deslocaram da região ou perderam o contato com as equipes do *PDA Amigos para Sempre*.

Para localizar o grupo a ser entrevistado, o pesquisador teve a colaboração das coordenadoras do Projeto Maternidade Saudável, que estabeleceram o primeiro contato com as adolescentes e jovens. A estratégia foi realizar o esforço de localização das entrevistadas até o tempo limite do cronograma da pesquisa, buscando-se alcançar, pelo menos, 50% das 54 participantes do projeto nos dois anos analisados.

Muitos autores afirmam que, na investigação qualitativa, a definição da amostra não precisa necessariamente atender a padrões estatísticos para garantir sua confiabilidade. Segundo Sueli Deslandes, “uma pergunta importante neste item é ‘quais indivíduos sociais têm uma vinculação mais significativa para o problema a ser investigado?’ A amostragem boa é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões” (MINAYO, 1992, p.43).

No caso desta pesquisa, devem-se mencionar aspectos que, acredita-se, garantiram uma boa amostragem na coleta de dados. O fato de que as entrevistadas têm basicamente a mesma origem social e compartilham uma questão pessoal (a gravidez precoce) faz com que o grupo tenha características homogêneas em relação ao problema pesquisado. A mesma vinculação clara com o problema se dá porque as adolescentes e jovens apresentavam uma inserção marcante no contexto do projeto, vivendo em comunidades próximas e se relacionando com a dinâmica social local.

A metodologia de aplicação dos questionários foi a mesma, embora algumas das abordagens tenham sido feitas com grupos de participantes do projeto Maternidade Saudável e outras tenham sido individuais. Antes de responder ao questionário, as adolescentes e jovens foram orientadas sobre os objetivos de cada questão apresentada, podendo esclarecer dúvidas sobre o questionário. Posteriormente, elas mesmas responderam ao questionário, sem problemas, tendo o acompanhamento do pesquisador e das coordenadoras do projeto.

Já a coleta de dados com as educadoras do Projeto Maternidade Saudável não teve a presença do pesquisador. Os questionários foram enviados por correio eletrônico para um total de cinco educadoras localizadas. A devolução também foi realizada por via eletrônica.

## **5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

## 5.1 CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA

As entrevistas com as participantes do projeto foram realizadas durante três meses. Nesse período, foram respondidos 28 questionários, atingindo-se um percentual de 51,9% das adolescentes e jovens inscritas no Projeto Maternidade Saudável nos anos de 2002 e 2003. Em relação à idade e à escolaridade, percebe-se na amostra uma predominância das jovens, com escolaridade inferior ao ensino médio.

TABELA 1  
Qualificação da amostra

	IDADE			ESCOLARIDADE	
	FREQUÊNCIA	%		FREQUÊNCIA	%
15 a 17 anos	02	7,1	Primário	05	17,9
18 a 20 anos	08	28,6	Fundamental	17	60,7
Mais de 20	18	64,3	Médio	06	21,4
	28	100		28	100

FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

Os resultados indicam que as 10 entrevistadas que têm hoje até 20 anos de idade, 35,7% da amostra, participaram do projeto quando estavam na infância ou na adolescência, fase que vai até os 17 anos, de acordo com a legislação. O grupo maior, 64,3% das entrevistadas, era formado por jovens que já tinham mais de 18 anos no período de realização do projeto.

Em relação à escolaridade, foram consideradas três fases: o primário, que vai até a 4ª série do antigo ciclo básico; o ensino fundamental, da 5ª à 8ª séries; e o ensino médio, ou 2º grau. Para efeito de análise, as entrevistadas foram reunidas em cada uma destas fases, independentemente de terem completado ou não o ciclo.

O grupo predominante, 60,7% da amostra, é formado por adolescentes e jovens que chegaram a estudar até o ensino fundamental. Entretanto, é importante destacar que a maioria delas não frequentava a escola no período do projeto Maternidade Saudável: 75% afirmaram que não estavam estudando quando participaram do projeto e 25% disseram que estudavam.

Para compreender melhor o perfil das entrevistadas, foram apresentadas questões relacionadas com a inserção nos ambientes comunitário e familiar.

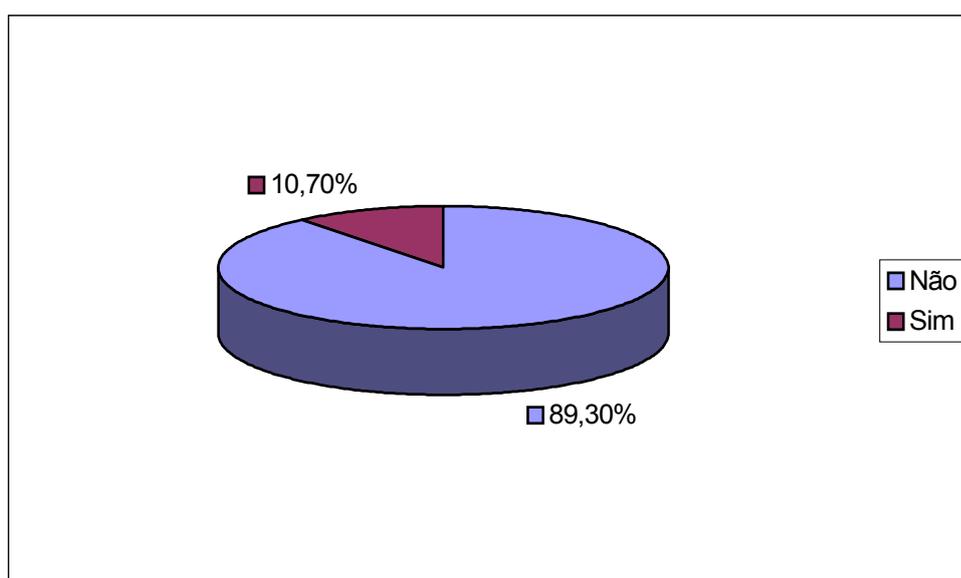


GRÁFICO 1: Envio em atividades comunitárias

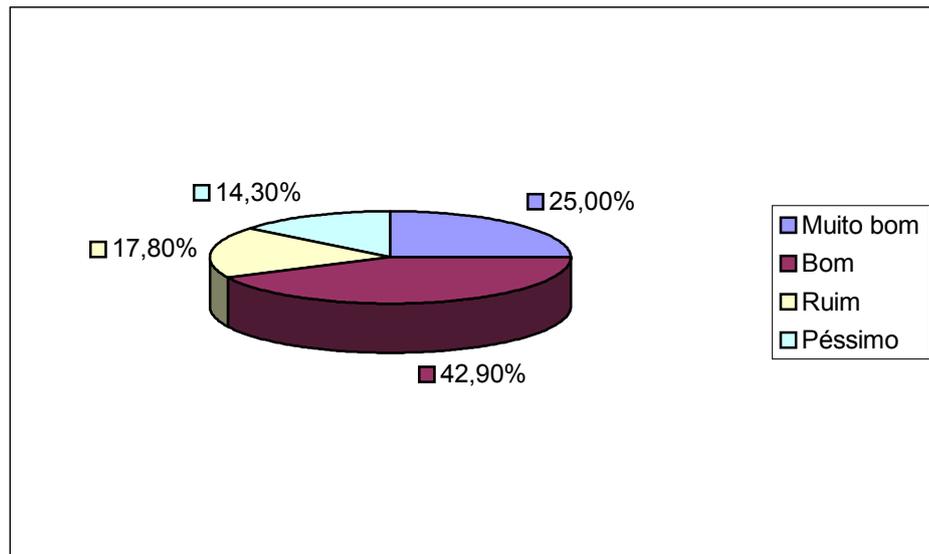
FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

Constatou-se que é muito pequeno o número de adolescentes e jovens que participam de alguma atividade comunitária, considerando-se como tal qualquer ação ligada a grupos organizados: Igrejas, grupos de jovens, grupos teatrais etc. Apenas 10,7% responderam que têm envolvimento com algum grupo da comunidade.

Também buscou-se saber quantas adolescentes e jovens grávidas viviam com os pais de seus filhos, independentemente do grau de formalidade da relação. Nesta questão, houve equilíbrio absoluto, tendo 50% das beneficiárias do projeto afirmado que viviam com o pai da criança no período da gravidez.

Uma das formas escolhidas para avaliar os resultados concretos do Projeto Maternidade Saudável na vida das adolescentes e jovens foi a compreensão que elas mesmas expressaram sobre as mudanças proporcionadas pelo conjunto dos conhecimentos incorporados. Até que ponto o melhor entendimento sobre a situação que estavam vivendo poderia introduzir novas chaves de compreensão da vida, capazes de transformar suas relações?

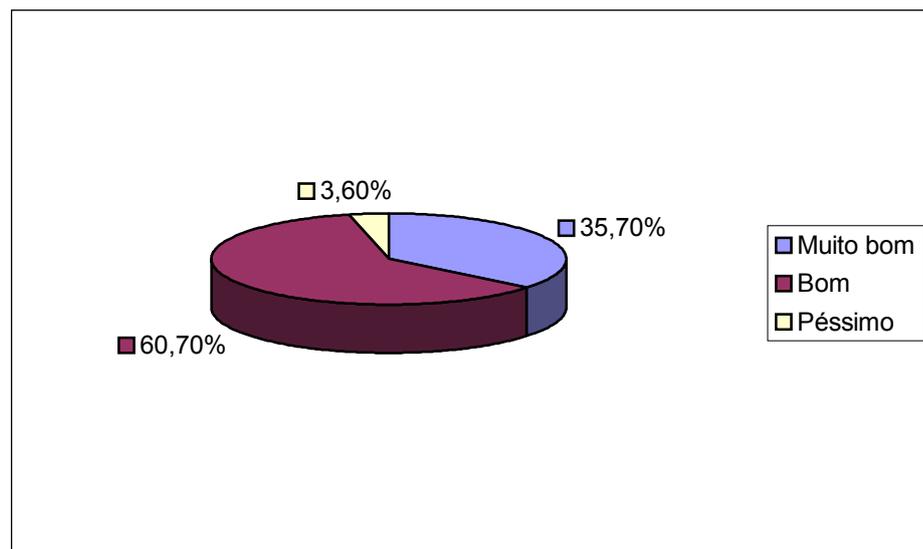
Neste sentido, procurou-se diagnosticar a qualidade dos relacionamentos estabelecidos no período anterior ao projeto, a fim de avaliar em que medida foram criadas as condições para a melhoria do ambiente familiar. Destaca-se, neste quesito, que as entrevistadas afirmaram ter melhores relações com o núcleo familiar do que com os pais das crianças. Essa distinção pode ser explicada, em parte, pelo fato de que a maioria das adolescentes e jovens estava vivenciando uma gravidez não planejada e, como foi relatado, 50% não viviam com os parceiros.



**GRÁFICO 2: Qualidade do relacionamento com o pai da criança**

FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

Quando perguntadas sobre o relacionamento com o pai da criança, apenas 25% afirmaram que era muito bom. O percentual daquelas que disseram ter um relacionamento ruim ou péssimo chegou a 32,1%. O grupo maior, ou 42,9%, optou por qualificar a relação como boa.



**GRÁFICO 3: Qualidade do relacionamento com a família**

FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

A partir dos dados coletados, pode-se constatar que as adolescentes e jovens tinham um relacionamento bem melhor com a família. Apenas 3,6% afirmaram que tinham péssimas relações familiares, enquanto mais de 96% responderam que tinham um relacionamento bom ou muito bom com a família. Percebe-se, pois, que a gravidez não planejada não foi considerada um fator de desequilíbrio do ambiente familiar.

## **5.2 A AVALIAÇÃO DO PROJETO**

Nem todas as educadoras que conduziram as atividades do Projeto Maternidade Saudável nos anos de 2002 e 2003 tinham ligações profissionais com as entidades que integram a coordenação do *PDA Amigos para Sempre*. Desta maneira, não foi fácil a tarefa de tentar localizar a todas. Cinco educadoras foram contatadas e as cinco responderam ao questionário proposto pelo pesquisador.

Os resultados foram significativos, sobretudo na avaliação geral do projeto. As educadoras tiveram opiniões marcantes nas duas questões que buscavam avaliar as motivações das participantes e a relação entre o planejamento e os resultados finais do projeto Maternidade Saudável.

Todas as educadoras responderam que a motivação inicial das adolescentes e jovens não estava relacionada com o desejo de adquirir conhecimentos novos para vivenciar positivamente o período da gravidez. A maior parte teria sido atraída pelos

benefícios oferecidos pelo projeto, como a bolsa-auxílio. Portanto, nenhuma das educadoras considerou que as participantes do projeto tenham sido atraídas pelo desejo pessoal de adquirir conhecimentos novos para conviver com a maternidade ou pela pressão da família.

Essa opinião contrasta com o que foi afirmado pelas adolescente e jovens participantes do projeto.

**TABELA 2**  
Fatores de decisão para participação no projeto

Por que você decidiu participar do Projeto Maternidade Saudável?		
	FREQUÊNCIA	%
Porque eu queria aprender como ter uma gravidez melhor	20	71,4
Porque minha família pediu que eu participasse	01	3,6
Por causa dos benefícios oferecidos pelo projeto (bolsa-auxílio, alimentação e outros)	07	25,0
Por outro motivo (descrever)	00	-
	28	100

FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

Apenas 25% das adolescentes e jovens disseram que começaram a participar do projeto para ter acesso aos benefícios. A grande maioria, 71,4%, respondeu que desejava ter uma gravidez melhor e 3,6% atribuíram à pressão familiar o fato de terem se inscrito no projeto. Não se deve, entretanto, desconsiderar que as respostas dadas pelas adolescentes e jovens a essa questão possam ter sido influenciadas pelo desejo de expressar aquilo que se espera como resultado de um projeto desta natureza. Nesse sentido, elas seriam muito mais a projeção de uma idéia do que a verdadeira opinião. Por outro lado, não se deve também deixar de admitir que as respostas possam, em alguma medida, corresponder à realidade. As

educadoras e as participantes do projeto falam de “lugares sociais” distintos e, como veremos adiante, percebem o projeto em perspectivas próprias, tendo opiniões diversas sobre determinados temas. Além disso, existe a possibilidade de que as respostas tenham refletido muito mais uma compreensão posterior dos resultados do projeto, o que teria levado à incorporação de um novo ponto de vista por parte das adolescentes e jovens.

Na segunda questão, quatro das cinco educadoras afirmaram que, embora tenham sido bem executadas, as atividades do projeto não levaram as adolescentes e jovens a assimilar todos os conhecimentos transmitidos.

Estimuladas a justificar as respostas, as educadoras deixaram transparecer a idéia de que o processo de aprendizado seria mais eficiente se as participantes do projeto tivessem melhor aproveitamento individual durante as atividades desenvolvidas. Não houve qualquer referência a uma construção coletiva do aprendizado, que levasse em conta os diversos espaços percorridos pelas adolescentes e jovens e as possibilidades de interações sociais. Concluiu-se que as participantes não assimilaram todos os conhecimentos transmitidos porque não se concentraram nas atividades ou não tinham a escolaridade necessária para aprender de forma mais eficiente. Isso fica evidente em alguns trechos das respostas dadas pelas educadoras à questão aberta do questionário:

*- Para a maioria do grupo a assimilação dos conhecimentos ficou a desejar pela imaturidade e falta de interesse.*

- O grupo era formado por jovens com carência em todos os níveis: físico, social, afetivo e psicológico. Por isso havia muita dificuldade na atenção, concentração e aprendizagem.

- Nem todas as jovens estavam envolvidas plenamente nas ações. Os interesses eram diferentes.

- A maior dificuldade para a total assimilação e compreensão das informações oferecidas no projeto foi devido à baixa escolaridade de algumas das participantes.

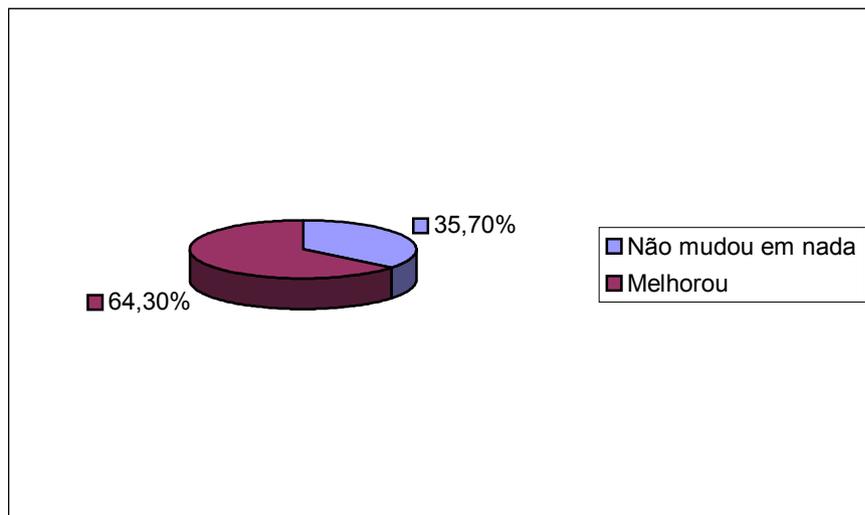
Embora tenham apontado fatores limitadores para o processo de aprendizado, as educadoras consideraram que a participação no projeto representou uma possibilidade de melhoria para a vida das adolescentes e jovens. Ao responder sobre o impacto das informações transmitidas para as participantes do projeto, elas afirmaram que foram percebidas mudanças em diversas áreas, como:

- *Conscientização da responsabilidade da gravidez e maternidade saudáveis, a importância da vida e da família, e, ainda, dos valores éticos na vivência da sexualidade.*

- *Crescimento da auto-estima.*

- *Uma maior preocupação com o cuidado com seu próprio corpo, o aumento da auto-estima, as relações familiares melhoraram.*

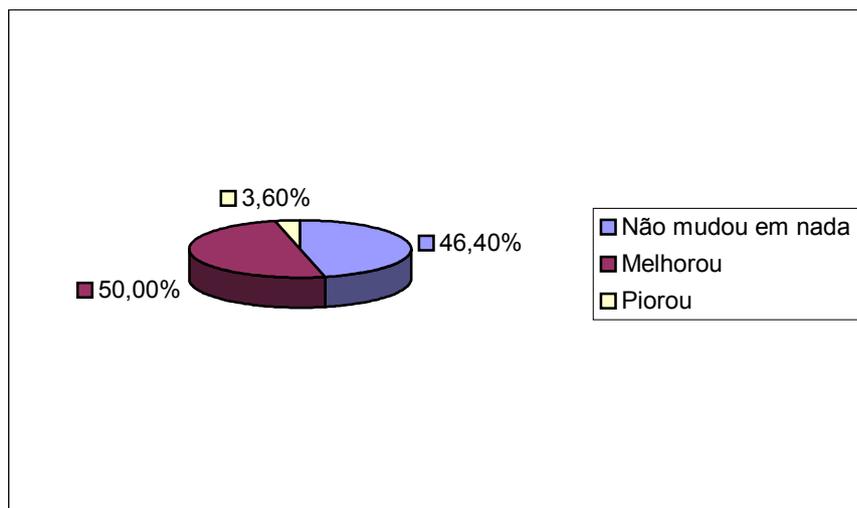
- *O retorno foi bastante positivo, pois atingiu não só participantes e seus companheiros como todos os seus familiares.*



**GRÁFICO 4: Mudança no relacionamento com a família**

FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

As adolescentes e jovens também afirmaram que houve uma melhoria em vários aspectos da vida depois da participação no projeto, sobretudo no relacionamento familiar. Para 64,3%, as relações com a família melhoraram. Não houve qualquer referência a uma deterioração dos relacionamentos em função do projeto.



**GRÁFICO 5: Mudança no relacionamento com o pai da criança**

FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

Para 50% das adolescentes e jovens, também melhoraram as relações com o pai da criança. Grande parte, ou 46%, afirmou que o projeto não ajudou a mudar o relacionamento e 3,6% disseram que o relacionamento piorou.

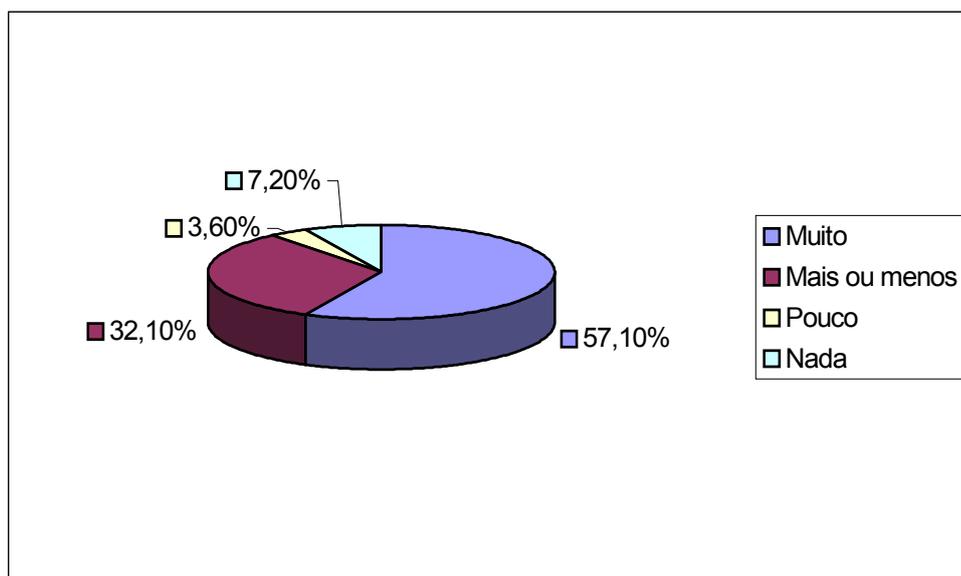


GRÁFICO 6: Contribuição do Projeto Maternidade Saudável para a melhoria dos relacionamentos.

FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

A maioria das adolescentes e jovens associa essa mudança de atitude em relação à família e aos parceiros com a participação no Projeto Maternidade Saudável. Para 57,1% da amostra, o projeto foi muito importante nesta transformação, e, para 32,1%, a importância foi relativa. Apenas 10,8% das adolescentes e jovens afirmaram que o projeto teve pouca ou nenhuma importância para a melhoria dos relacionamentos.

**TABELA 3**  
Resultados da participação no projeto

Se você pudesse definir os resultados que a participação no Projeto Maternidade Saudável trouxeram para a sua vida, diria que:		
	FREQUÊNCIA	%
Aprendi muitas coisas e valeu a pena ter participado do projeto	26	92,8
O projeto não mudou em nada minha vida, mas não me arrependo de ter participado	00	-
O projeto não mudou em nada a minha vida e, se pudesse voltar atrás, não teria participado	00	-
Tenho outra opinião	02	7,2
	28	100

FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

Por fim, a conclusão das adolescentes e jovens é de que houve um processo significativo de aprendizado durante o Projeto Maternidade Saudável, visto que 92,8% disseram que os resultados da participação foram positivos. Não houve qualquer menção a avaliações negativas da participação no projeto. Um grupo de 7,2% teve outras opiniões, também positivas, esclarecendo que a participação no projeto ajudou a “conseguir um emprego” e a “melhorar o relacionamento com a família”.

### **5.3 O IMPACTO DO ELEMENTO INFORMACIONAL**

Embora tenham avaliado positivamente a participação no projeto Maternidade Saudável, as adolescentes e jovens não expressaram a opinião de que o processo de aprendizado tenha sido estimulado, principalmente, pelas informações compartilhadas nas atividades formais. Confrontadas com a pergunta sobre a origem

das informações que levaram ao aprendizado, houve 40% de indicações para a Ação Comunitária Sal da Terra, 32,5% para a Visão Mundial e apenas 27,5% para as educadoras do projeto.

Deve-se destacar, entretanto, que as citações às duas organizações parecem muito mais manifestadas pela presença institucional nas comunidades do que pelo contato pessoal das participantes do projeto. Dentre essas, 32,1% disseram nunca ter ouvido falar sobre a Visão Mundial. O nível de conhecimento da Ação Comunitária Sal da Terra é maior, mas, ainda assim, 10,7% afirmaram que nunca ouviram falar sobre a organização. No grupo que disse conhecer a Visão Mundial, 39,3% afirmaram que não sabem qual é o trabalho da organização na comunidade. No mesmo item, 50% afirmaram que conhecem a Ação Comunitária Sal da Terra, mas não sabem o que ela faz na comunidade. Em resumo, apenas 28,6% disseram que sabem, efetivamente, qual é o trabalho da Visão Mundial na comunidade e 39,3% afirmaram o mesmo em relação à Ação Comunitária Sal da Terra.

A aparente contradição também está presente nas questões que propõem uma reflexão sobre o conteúdo das informações transmitidas nas atividades do projeto.

**TABELA 4**  
**Importância das informações compartilhadas**

Com relação às informações que você recebeu para seu aprendizado durante o Projeto Maternidade Saudável, você diria que:		
	FREQUÊNCIA	%
Ajudaram a esclarecer todas as dúvidas que eu tinha	22	78,6
Foram importantes, mas deixaram de esclarecer muitas dúvidas	05	17,8
Tiveram pouca importância para mim	01	3,6
Não tiveram importância alguma para mim	00	-
	28	100

FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

As adolescentes e jovens atribuem uma importância significativa para as informações compartilhadas. Para 78,6%, as informações ajudaram a esclarecer todas as dúvidas, enquanto 17,8% consideram que as informações foram importantes, mas não esclareceram todas as dúvidas. Apenas 3,6% disseram que as informações tiveram pouca importância.

No entanto, a qualidade das informações não foi considerado o aspecto mais importante para o desenvolvimento do aprendizado.

**TABELA 5**  
**Fatores de aprendizado**

Em relação à sua participação no Projeto Maternidade Saudável, você apontaria como o fator mais importante para que você conseguisse aprender os ensinamentos:		
	FREQUÊNCIA	%
As informações transmitidas durante as atividades	05	17,9
A forma como as educadoras se relacionaram com o grupo e apresentam os ensinamentos	14	50,0
O contato com outras jovens durante as atividades	03	10,7
O meu próprio esforço para aprender	06	21,4
Outro fator	00	-
	28	100

FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

Apenas 17,9% das adolescentes e jovens apontaram as informações compartilhadas como o fator principal para a internalização dos conhecimentos. O relacionamento do grupo com as educadoras foi apontado por 50% como o aspecto fundamental para que elas pudessem aprender. Para 10,7%, o mais importante foi o contato informal com outras adolescentes e jovens durante as atividades, e 21,4% atribuíram ao próprio esforço o aspecto marcante do processo de aprendizado.

Pode-se concluir que, além da qualidade das informações transmitidas pelas educadoras, as respostas a essa questão denotam a possibilidade de que outros aspectos, como a interação social e o compartilhamento de informações com indivíduos do mesmo círculo de convívio, sejam fundamentais para a complementação de um processo de aprendizado estabelecido em um ambiente formal.

Isso também foi afirmado por uma das educadoras:

- *As participantes não só assimilaram conhecimentos novos sobre a maternidade e os cuidados com o bebê, como era visível a transformação das jovens na troca de informações com as colegas. As mais jovens sentiram-se mais seguras, pois traziam informações deturpadas a respeito do parto.*

Parece implícita nesta análise a idéia apresentada por Capurro (2003), segundo a qual o conceito de informação depende da questão a ser respondida. Recorrendo à análise de domínio proposta por Buckland, Capurro afirma que a análise do conteúdo informativo de qualquer dado ou objetivo deve ser feita a partir do grupo social no qual o processo de comunicação acontece:

desta forma, a informação é um conceito subjetivo, mas não fundamentalmente em um sentido individual. Os critérios sobre o que conta como informação são formados por processos sócio-culturais e científicos. Usuários deveriam ser vistos como indivíduos em situações concretas dentro de organizações sociais e domínios de conhecimento (CAPURRO, 2003, p.389).

Quando afirmam que as relações estabelecidas durante o projeto Maternidade Saudável foram fundamentais para o processo de aprendizado, as participantes estão referendando a percepção de que é na ação comunicativa, que ocorre no contexto em que está inserido o usuário, que se dá a produção de sentido da informação. No universo das ONGs, um processo de aprendizado que une, de um lado, educadores ou intelectuais, e de outro, os integrantes da comunidade, depende, portanto, de um processo de comunicação que se expresse no cotidiano da vida.

Embora nesse ambiente a comunicação esteja relacionada à “produção, reprodução e reapropriação do próprio sentido de viver na sociedade” (MARTELETO e

RIBEIRO, 2001, p.69), ela é, por vezes, associada aos chamados “projetos institucionais”, talvez pela pouca materialidade de uma ação comunicativa. Ainda assim, destaca-se que, nos projetos desenvolvidos pelas organizações, a relação entre os indivíduos deve estar no centro do processo de aprendizado:

A comunicação, no universo das ONGs, remete para a necessidade de escuta da ‘fala do outro’, ou a uma relação social entre sujeitos que não têm o mesmo estatuto na sociedade, e que interpretam as informações a partir da sua localização (física e simbólica) no espaço social, gerando-se assim conflitos e embates discursivos e cognitivos entre os interlocutores. Esses conflitos às vezes são vivenciados através do diálogo e da ação direta, outras vezes por uma mediação informacional (MARTELETO e RIBEIRO, 2001, p.72)

#### **5.4 ASPECTOS RELEVANTES PARA O APRENDIZADO**

Para as educadoras que conviveram com as adolescentes e jovens do Projeto Maternidade Saudável durante dois anos, todos os aspectos analisados nesta pesquisa tiveram alguma importância para o processo de assimilação dos conhecimentos compartilhados. Elas consideraram que capacidade cognitiva, acesso e compartilhamento de informações por outros meios, acúmulo de informações anteriores, inserção social e capacidade de conectar passado, presente e futuro seriam fatores relevantes presentes na dinâmica das interações sociais, bastante favoráveis ao aprendizado.

**TABELA 6**  
Fatores relevantes para a assimilação de conhecimentos

Como você avalia a importância de cada um dos seguintes fatores para o processo de assimilação de conhecimento por parte das jovens do Projeto Maternidade Saudável?				
	Muito importante (Referências)	Importante (Referências)	Pouco importante (Referências)	Nenhuma importância (Referências)
a) A capacidade cognitiva (competência para decodificar informação)	3	2		
b) O acesso e compartilhamento de informações por outros meios	3	2		
c) O acúmulo de informações anteriores		2	3	
d) Inserção social (inserção familiar, em grupos comunitários, na escola etc)	4	1		
e) Capacidade de conectar passado, presente e futuro (dando sentido às informações compartilhadas)	3	2		

FONTE: Questionário aplicado às educadoras do Projeto Maternidade Saudável.

As educadoras consideraram como muito importante a inserção social, a capacidade cognitiva, o acesso e compartilhamento de informações por outros meios e a capacidade de conectar passado, presente e futuro. Já o acúmulo de informações anteriores não foi um aspecto tão valorizado como os outros, sendo apontado como o fator menos importante para que as participantes do projeto tivessem a capacidade de internalizar os conhecimentos apresentados.

**TABELA 7**  
**Dificuldades para aprender os ensinamentos**

Quais foram suas maiores dificuldades para aprender os ensinamentos transmitidos pelos educadores do projeto?		
	FREQUÊNCIA	%
Eu não conseguia compreender as coisas que eram ensinadas	00	-
Os educadores transmitiam muitas informações e eu não conseguia guardar tudo o que era dito	08	28,5
Eu não conseguia me concentrar nas atividades	01	3,6
Eu não tive nenhuma dificuldade	19	67,9
Minhas dificuldades foram outras	00	-
	28	100

FONTES: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

A capacidade cognitiva, também entendida aqui como a disponibilidade de instrumental para decodificar as informações compartilhadas, não é apontada pela maioria das adolescentes e jovens participantes do projeto como fator inibidor do processo de aprendizado. Questionadas sobre a compreensão dos ensinamentos transmitidos, 67,9% afirmaram não ter tido nenhuma dificuldade para aprender. Mas um número significativo das participantes, 28,5%, afirmou que, muitas vezes, o excesso de informações dificultou a internalização dos conhecimentos. Apenas 3,6% disseram que não conseguiam se concentrar nas atividades.

**TABELA 8**  
**Processo de transmissão das informações**

Sobre a forma como foram transmitidas as informações e os ensinamentos durante as atividades do Projeto Maternidade Saudável, você acha que:		
	FREQUÊNCIA	%
Os educadores diziam as coisas de maneira clara e, por isso, as jovens aprenderam como utilizar os ensinamentos na prática	23	82,1
Os educadores não sabiam dizer as coisas de maneira clara. Mesmo assim, as jovens conseguiram aprender os ensinamentos porque buscaram mais informações com outras pessoas	05	17,9
Os educadores não sabiam dizer as coisas de maneira clara e, por isso, as jovens não conseguiram aprender os ensinamentos	00	-
Outra opinião	00	-
	28	100

FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

Os métodos utilizados pelas educadoras para expor os ensinamentos foram apontados pelas participantes como principais responsáveis pela compreensão do que era ensinado. Na opinião de 82,1% das adolescentes e jovens, as educadoras expunham os conteúdos de maneira clara e adequada, facilitando o processo de aprendizado. Apenas 17,9% afirmaram que as educadoras não conseguiam se expressar com clareza. Conclui-se desta maneira que, em um ambiente como o pesquisado, no qual os interlocutores não têm os mesmos instrumentos de análise das informações, é fundamental que o diálogo seja facilitado por um processo de interação e cumplicidade.

Segundo as educadoras, a maior ou menor capacidade cognitiva está diretamente ligada ao nível de escolaridade das adolescentes e jovens. Essa conclusão é marcante na avaliação dos resultados do projeto. Para compreender em que medida esse aspecto corresponde à realidade optou-se por analisar as respostas dadas por

grupos distintos de adolescentes e jovens, segundo o grau de escolaridade. Na amostra analisada, o maior grupo localiza-se na faixa do ensino fundamental. Nos dois extremos, em faixas de maior e menor escolaridade, estão, respectivamente, seis participantes com o ensino médio e cinco com o ensino primário. Para que houvesse um contraste mais definido do nível de escolaridade, decidiu-se isolar os dois grupos e analisar separadamente as respostas às questões anteriormente apresentadas. As amostras das estudantes com ensino médio e ensino primário são compostas de poucos indivíduos, mas, ainda assim, corroboraram com a abordagem apresentada pelas educadoras.

TABELA 9

Dificuldade de aprendizado, por nível de escolaridade

Quais foram suas maiores dificuldades para aprender os ensinamentos transmitidos pelos educadores do projeto?				
	ENSINO MÉDIO		PRIMÁRIO	
	FREQUÊNCIA	%	FREQUÊNCIA	%
Os educadores transmitiam muitas informações e eu não conseguia guardar tudo o que era dito			02	40%
Eu não tive dificuldades	06	100%	03	60%
	06	100	05	100

FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

Pelas respostas dadas pelas representantes dos grupos analisados, pode-se concluir que, de fato, o nível de escolaridade representa uma barreira para a compreensão satisfatória das informações compartilhadas. Em relação ao processo de aprendizado, 100% das jovens com ensino médio afirmaram não ter tido qualquer tipo de dificuldade para compreender o que era transmitido pelas educadoras. Já no grupo das participantes com ensino primário, 40% disseram que o excesso de

informações era um fator que dificultava o pleno entendimento das informações compartilhadas.

**TABELA 10**  
Compartilhamento das informações, por nível de escolaridade

Sobre a forma como foram transmitidas as informações e os ensinamentos durante as atividades do Projeto Maternidade Saudável, você acha que:				
	ENSINO MÉDIO		PRIMÁRIO	
	FREQUÊNCIA	%	FREQUÊNCIA	%
Os educadores diziam as coisas de maneira clara e, por isso, as jovens aprenderam como utilizar os ensinamentos na prática	06	100%	03	60%
Os educadores não sabiam dizer as coisas de maneira clara. Mesmo assim, as jovens conseguiram aprender os ensinamentos porque buscaram mais informações com outras pessoas			02	40%
	06	100	05	100

FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

Em relação ao desempenho das educadoras na transmissão das informações, os dois grupos também apresentam divergências. Novamente, 100% das jovens com ensino médio disseram que as educadoras tinham uma forma clara de expor os conhecimentos, o que ajudava as participantes do projeto a utilizar os ensinamentos na prática, enquanto no grupo com escolaridade primária, 40% afirmaram que faltou clareza às educadoras na exposição dos ensinamentos.

As diferentes perspectivas dos dois grupos também podem ser percebidas quando se analisam as motivações para a participação no projeto.

TABELA 11  
Motivação das participantes, por nível de escolaridade

Por que você decidiu participar do Projeto Maternidade Saudável?				
	ENSINO MÉDIO		PRIMÁRIO	
	FREQUÊNCIA	%	FREQUÊNCIA	%
Porque eu queria aprender como ter uma gravidez melhor	05	83,3%	03	60%
Porque minha família pediu que eu participasse	01	6,7%		
Por causa dos benefícios oferecidos pelo projeto (bolsa-auxílio, alimentação e outros)			02	40%
	06	100	05	100

FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

Dentre as adolescentes e jovens com maior escolaridade, nenhuma afirmou ter participado do projeto por causa dos benefícios oferecidos: 83,3% disseram que queriam aprender como ter uma gravidez melhor. Já no grupo com escolaridade primária, 40% responderam que a motivação para participar do projeto foram os benefícios.

É preciso destacar que a associação da capacidade cognitiva ao nível de escolaridade traz em si a idéia de que a cognição humana estaria relacionada com a solução de problemas. Essa concepção, associada ao cognitivismo, tem bases na física, e afirma que a mente tem a capacidade inata de representar a realidade por meio de modelos de mundo e gramáticas pré-existentes. Por este conceito, aprender seria criar representações de um mundo externo e independente, assimilando novas experiências (NASSIF, 2002).

As novas interpretações para a cognição humana consideram que o ato de conhecer depende também das interações do indivíduo com o meio, e não somente dos aspectos biológicos. Dentre os pesquisadores desse campo, podemos destacar Maturana e Varela (NASSIF, 2002), que desenvolveram o conceito de Biologia do Conhecer. Eles afirmam que as redes de interações nas quais os indivíduos se realizam são fundamentais para o processo de conhecimento. Os processos mentais se complementarizam nas relações sociais:

A cognição é uma ação e a aprendizagem é uma negociação entre sistema e meio. Se não há interação, não há cognição. O indivíduo só conhece algo quando interage com esse algo. Desta forma, os indivíduos têm histórias diferentes porque interagem com o meio de formas diferentes. E, portanto, conhecem e aprendem de formas diferentes. O conhecimento, então, na Biologia do Conhecer, é 'comportamento adequado' e 'ação efetiva' em um contexto relacional, no qual cada comportamento é um ato cognitivo (NASSIF, 2002, p. 45).

Embora a capacidade cognitiva tenha sido apontada pelas educadoras como fator decisivo para o processo de assimilação do conhecimento, quando solicitadas a indicar, dentre todos os fatores analisados, aquele que seria o mais marcante, elas destacaram o acesso e compartilhamento de informações por outras fontes e a capacidade de conectar passado, presente e futuro.

TABELA 12

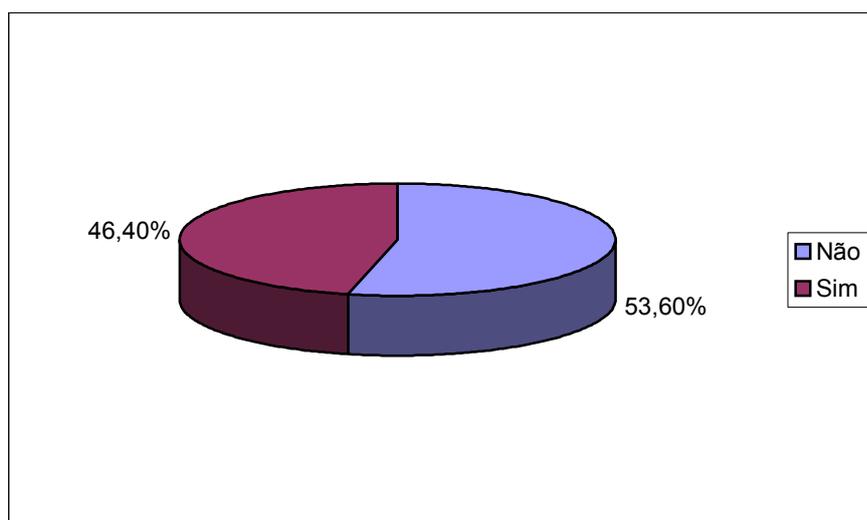
Aspectos mais importantes para o aprendizado

Dentre os fatores citados na questão anterior, qual você consideraria o mais importante para o processo de assimilação de conhecimento no Projeto Maternidade Saudável?	
	FREQUÊNCIA
A capacidade cognitiva (competência para decodificar a informação)	1
O acesso e compartilhamento de informações por outros meios	2
Capacidade de conectar passado, presente e futuro	2

FONTE: Questionário aplicado às educadoras do Projeto Maternidade Saudável.

As educadoras que apontaram o acesso e compartilhamento de informações por outros meios como aspecto mais importante para o aprendizado afirmaram não ser possível garantir a eficiência de um projeto desta natureza apenas com as atividades realizadas nas oficinas:

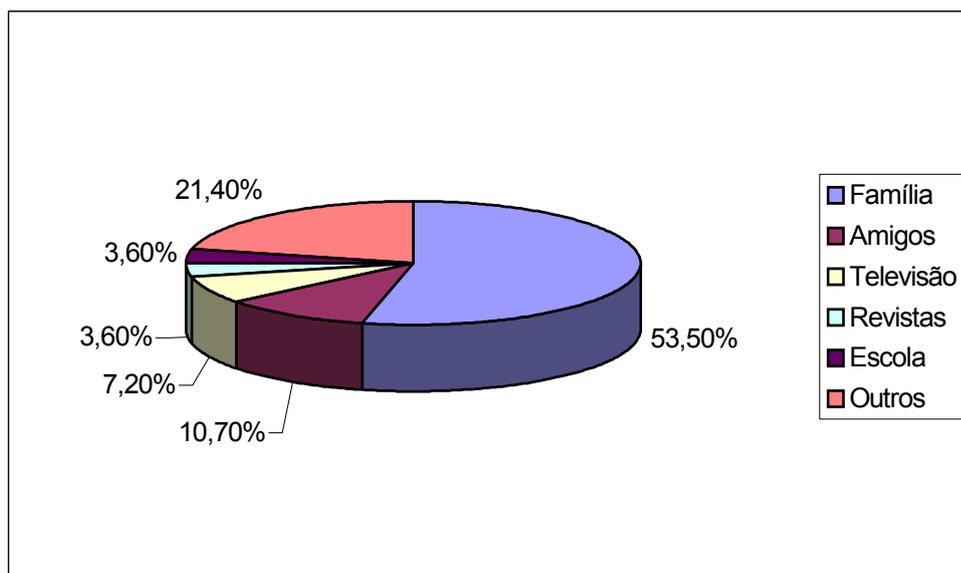
*- O projeto ocupava um pequeno tempo dentro da vida da jovem e seja o Posto de Saúde, televisão, rádio, jornal, roda de amigos somando a inserção social dessa jovem permitia a troca de experiências e fortalecimento do conhecimento adquirido.*



**GRÁFICO 7:** Busca de informações em outras fontes

FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

Pelas respostas das adolescentes e jovens, no entanto, constata-se que mais da metade, 53,6% das participantes, afirmaram não ter buscado informações em outras fontes durante o Projeto Maternidade Saudável, enquanto 46,4% disseram ter recorrido a outras fontes de informação.



**GRÁFICO 8: Fontes de informação**

FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

Quando perguntadas sobre as fontes a que recorreram para buscar mais informações sobre gravidez e cuidados com o bebê, a maioria das adolescentes e jovens afirmou ter tido como referência o ambiente de convívio social. Mais da metade, 53,5%, disseram que a família foi a principal fonte de informações e, em seguida, vêm os amigos, apontados como fonte de informação por 10,7%. Também foram apontados, com menores percentuais, como referência para busca de informações, a mídia e a escola, bem como os cursos de pré-natal, listados na opção “outras fontes”.

As respostas dadas pelas adolescentes e jovens reforçam a idéia de que a forma de inserção social é um fator decisivo para o processo de aprendizado. O conhecimento prático, que depende tanto do saber científico quanto do saber produzido pelo senso comum, nasce fundamentalmente das ações coletivas dos distintos grupos. Para

Melucci<sup>22</sup> (2001), nos movimentos sociais, “sair da ideologia e produzir conhecimento (conhecimento, capacidade de análise, capacidade de comunicação, auto-reflexividade) torna-se um recurso-chave para a ação coletiva” (*apud* Marteleto, 2002, p.142-143).

Na opinião das educadoras do projeto, o outro aspecto fundamental para a internalização do conhecimento é a capacidade de conectar passado, presente e futuro. Nas respostas abertas do questionário, elas expressaram a idéia de que o conhecimento deveria ser útil às adolescentes e jovens, possibilitando a construção de um sentido para as experiências de vida:

*- Precisamos das experiências anteriores como bagagem para viver o presente e planejar o futuro.*

*- Eu penso que é muito importante as jovens estarem inseridas no seu tempo (hoje), com os olhos, ouvidos, mentes e corações abertos para o novo, valorizando as oportunidades de conhecimento, as experiências e o crescimento como pessoa. Mas para isso, essas jovens precisam, também, aceitar o seu passado, a sua vida, a sua família, o meio em que vivem. E a partir daí, sonhar, ter metas, acreditar no futuro, se sentirem amadas, respeitadas pela sociedade, estimuladas, com vontade de mudar aquilo que pode ser mudado.*

É justamente nesse aspecto que as adolescentes e jovens apresentaram a única análise unânime sobre os resultados do Projeto Maternidade Saudável. Isso se comprova nas respostas positivas às duas perguntas que pretenderam avaliar o

---

<sup>22</sup> MELUCCI, A. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis, Vozes, 2001.

quanto a participação no projeto possibilitou a incorporação de um conhecimento prático, que tivesse significado para a compreensão do presente e para as expectativas sobre o futuro.

**TABELA 13**  
Compreensão sobre o presente

Se você pudesse avaliar seus conhecimentos antes e depois de participar do projeto Maternidade Saudável, diria que as coisas que aprendeu no projeto fizeram você compreender melhor o que estava acontecendo na sua vida?		
	FREQUÊNCIA	%
Sim	28	100
Não	00	-
	28	100

FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

**TABELA 14**  
Expectativas sobre o futuro

Se você pudesse avaliar seus conhecimentos antes e depois de participar do projeto Maternidade Saudável, diria que as coisas que aprendeu no projeto vão ajudar você a ter um futuro melhor?		
	FREQUÊNCIA	%
Sim	28	100
Não	00	-
	28	100

FONTE: Questionário aplicado às adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável.

Pelas respostas oferecidas, conclui-se que o Projeto Maternidade Saudável foi eficiente ao constituir um ambiente adequado de socialização e troca de informações. O conhecimento compartilhado constituiu uma cadeia de sentidos para as participantes e estabeleceu conexões com o cotidiano. Como propõe Morin

(1991), a sociedade contemporânea necessita de um processo de transmissão de conhecimento que privilegie a ligação entre os sentidos:

Deveríamos, portanto, ser animados por um princípio de pensamento que nos permitisse ligar as coisas que nos parecem separadas, uma em relação às outras. Ora, o nosso sistema educativo privilegia a separação em vez de praticar a ligação. A organização do conhecimento sob a forma de disciplinas seria útil se estas não estivessem fechadas em si mesmas, compartimentadas umas em relação às outras (MORIN, p.20).

Tomando como referência a avaliação global dos resultados do projeto Maternidade Saudável, balizada pela aplicação de questionários às educadoras e às adolescentes e jovens participantes, pode-se afirmar que houve um processo perceptível de internalização de conhecimentos por parte das adolescentes e jovens. A pesquisa também remete à conclusão de que o fator maior importante para esse processo foi a conexão estabelecida entre passado, presente e futuro, propiciada pelo aprendizado coletivo e pelas trocas de informação.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não se pretende ao final deste trabalho apontar conclusões definitivas acerca do objeto investigado, o que seria impossível pela natureza exploratória da pesquisa. Entretanto, é necessário ressaltar que os diversos aspectos analisados neste estudo de caso nos permitiram avançar na compreensão do problema de pesquisa, reafirmando reflexões feitas por autores que têm uma abordagem social da Ciência da Informação e indicando caminhos para novas possibilidades de investigação do tema.

Quando se propôs nesta pesquisa o estudo do fenômeno informacional no ambiente da ONGs, partiu-se do pressuposto de que, nesse espaço de interação entre os diversos atores das comunidades e os profissionais ligados às organizações, seria possível constituir mecanismos eficientes de troca de informação, compartilhando-se conhecimentos que levassem à transformação efetiva da realidade. A constituição dos projetos conduzidos pelas ONGs, nos quais os sujeitos se relacionam a partir de pontos de vista e discursos distintos, conduz obrigatoriamente a um processo de aprendizado que estabelece as interações entre os indivíduos como questão central (MARTELETO e RIBEIRO, 2001).

Admitindo-se que, no campo social, o conhecimento está relacionado com a solução de questões práticas do cotidiano (MARTELETO, 2002) e que a informação seria o conhecimento em ação (WERSIG, 1993), deve-se reconhecer os resultados práticos do Projeto Maternidade Saudável para a transformação da realidade das adolescentes e jovens participantes. Elas referendaram a qualidade do projeto ao afirmar que melhoraram as relações com as famílias e, também, com os pais das crianças. A conclusão de que o projeto foi responsável pela mudança é apontada

por quase totalidade das participantes. Além disso, todas elas afirmaram que, de alguma maneira, valeu a pena ter participado das atividades do projeto.

Até que ponto as informações compartilhadas pelas educadoras teria sido responsável por essa transformação admitida pelas adolescentes e jovens? Para responder a essa pergunta, é necessário compreender em que medida os resultados da pesquisa confirmam os pressupostos da abordagem social da informação. Tanto as educadoras quanto as adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável afirmaram que não se deve apontar a qualidade das informações compartilhadas como fator exclusivo para a internalização de conhecimentos. Segundo as beneficiárias do projeto, as relações estabelecidas com as educadoras e com as outras participantes foram também fundamentais para o processo de aprendizado.

Embora a pesquisa não tenha se dedicado a avaliar o conceito de informação de qualidade, ficou claro na avaliação do projeto que o elemento informacional não é percebido isoladamente, mas na relação com outros aspectos ligados às interações sociais. Isso equivale a dizer que o processo de aprendizado não se dá exclusivamente em uma situação particular do indivíduo, mas na sua relação com toda a sociedade, em suas diversas formas de conhecer e comunicar, conforme propõe a Epistemologia Social de Shera (1973).

A análise dos resultados desta pesquisa pode apresentar subsídios para se contrapor uma visão cognitivista, que não privilegia o contexto das trocas informacionais, com uma perspectiva hermenêutica, como a proposta por Capurro

(2003), na qual a informação é apreendida a partir da relação dos sujeitos com o mundo. Assim, a concepção hermenêutica define o sujeito em seu estado cognoscente como o “ser no mundo em relação aos outros”.

Cabe neste ponto tentar vencer a solução cômoda de acentuar apenas definições subjetivas de interação social para explicar as relações entre informação e conhecimento no ambiente pesquisado. Nesse sentido, ficou demonstrado que é relevante a análise de aspectos objetivos, que poderiam ser percebidos como fundamentais para a internalização de conhecimentos, como a capacidade cognitiva, a inserção nos grupos sociais e a capacidade de conectar passado, presente e futuro a partir das informações compartilhadas.

Em primeiro lugar, deve-se ressaltar que definir o ato de conhecer como um processo inserido no âmbito das relações humanas não significa desconsiderar que, nesse processo, são importantes determinadas pré-condições ligadas ao indivíduo. A conclusão apresentada pelas educadoras do Projeto Maternidade Saudável, segundo a qual o nível de escolaridade interferiu no aprendizado, foi corroborada pela análise feita a partir do grau de escolaridade das adolescentes e jovens, visto que, quanto menor a escolaridade, maiores foram as dificuldades de assimilação das informações transmitidas.

As educadoras também apontaram a inserção positiva nos grupos sociais como fator preponderante para que as adolescentes e jovens pudessem assimilar os conhecimentos que receberam durante as atividades. A concepção de que os grupos de referência social têm papel relevante no processo de internalização do

conhecimento foi confirmada pela análise de outro aspecto definido como muito importante para o processo de aprendizado: o acesso a informações por outras fontes. Essa constatação se apresenta ao verificar-se que mais da metade das adolescentes e jovens indicaram a família, os amigos e a escola como as principais fontes a que recorreram para buscar outras informações, além daquelas recebidas nas atividades formais do Projeto Maternidade Saudável.

Ainda no que diz respeito aos aspectos considerados importantes para a assimilação de conhecimentos, pode-se definir como marcante o valor atribuído à capacidade que as informações compartilhadas tiveram de conectar o passado, o presente e o futuro das adolescentes e jovens. Quando afirmaram unanimemente que as informações trazidas pelas educadoras ajudaram a compreender melhor o problema que estavam enfrentando e trouxeram a perspectiva de um futuro diferente, as participantes do projeto quiseram dizer que as informações compartilhadas no ambiente do Projeto Maternidade Saudável permitiram refazer o elo entre passado, presente e futuro, trazendo novos sentidos para a vida.

Tomada como uma reflexão fundamental desta pesquisa, a idéia de que a informação torna-se mais efetiva quando contribui para que os indivíduos se reencontrem na sua relação com os outros e com o mundo pode ser balizada pelo entendimento de que a “pré-compreensão” do sujeito é fundamental para a construção de sentidos que produzam uma nova compreensão da realidade (CAPURRO, 2003). Desta forma, pode-se afirmar que o Projeto Maternidade Saudável não foi desenvolvido para adolescentes e jovens que se apresentaram como uma “tábula rasa” a ser preenchida por novas informações e saberes, mas foi

espaço de prolongamento do processo contínuo que é o ato de conhecer no mundo da vida.

É necessário admitir ainda que diversas questões analisadas na pesquisa suscitam estudos mais aprofundados, a fim de que colaborem para a consolidação da linha de pesquisa Informação, Cultura e Sociedade, no âmbito da Ciência da Informação. Por esse motivo, são apresentadas a seguir sugestões para novas pesquisas a serem desenvolvidas em torno do tema.

Uma primeira sugestão diz respeito às mudanças nos processos de trocas informacionais no ambiente das ONGs, a partir da nova dinâmica desse setor, que, privilegiando a profissionalização dos quadros, pode deixar em segundo plano a militância social. Em que medida a necessidade de quantificar e monitorar os resultados dos projetos, a fim de dar respostas aos financiadores e outros segmentos da sociedade, estaria limitando a espontaneidade da comunicação e criando mecanismos mais rígidos de coerção das comunidades?

Outra proposta está relacionada com a investigação do papel da cognição nos processos de internalização de conhecimentos no campo social. O objetivo seria compreender os aspectos que proporcionam maior ou menor capacidade cognitiva para os sujeitos, relacionando-os com o nível de escolaridade.

Também merecem estudos mais amplos o problema da construção de sentidos a partir do conhecimento prévio do sujeito, combinado com as relações que ele estabelece no contexto em que está inserido. Nesta proposição, surgem várias

possibilidades, como a investigação das conexões entre passado, presente e futuro, expostas nas narrativas que os indivíduos constroem a partir das experiências vivenciadas de forma coletiva. O locus da pesquisa poderia ser, por exemplo, os projetos desenvolvidos pelas ONGs em ambientes digitais.

Outra questão que pode suscitar novos estudos é a suspeita de que, no universo cada vez mais sofisticado das ONGs, a forte presença institucional das organizações nas comunidades pode criar um processo de coerção, que confirmaria a assimilação da lógica pragmática do sistema (FERNANDES, 1994) e tornaria as relações entre os sujeitos subordinadas, necessariamente, aos interesses estratégicos das ONGs.

No caso das adolescentes e jovens participantes do Projeto Maternidade Saudável, manifestou-se de forma clara o desejo de demonstrar o reconhecimento às duas organizações responsáveis pela interlocução com a comunidade. Quando indicam a Ação Comunitária Sal da Terra e a Visão Mundial como responsáveis pelas informações compartilhadas no projeto, de maneira mais destacada que as próprias educadoras, elas parecem produzir o discurso que julgam ser esperado no contexto estabelecido entre as ONGs e a comunidade. Entretanto, ficou evidente que as adolescentes e jovens reconhecem as organizações, mas não sabem exatamente o que elas fazem na comunidade, haja vista a pequena parcela que afirmou ter clareza sobre o trabalho da Visão Mundial, bem como conhecer a atuação da Ação Comunitária Sal da Terra, que é a organização local.

Como consequência, pode-se imaginar que a relação entre as ONGs e as comunidades seria demarcada por certo paradoxo, relacionado à questão da troca

de informações para a internalização de conhecimentos. Quando se propõem a investir na transformação de uma comunidade, as organizações não-governamentais preconizam que o conhecimento porventura incorporado pelos indivíduos dessa comunidade pode ajudá-los a conquistar a independência de agentes externos, como as próprias ONGs. Nesse sentido, e em uma perspectiva ideal, ao cumprirem com eficiência sua missão de proporcionar o acesso ao conhecimento as ONGs tenderiam, então, a desaparecer.

Diante dessa aparente contradição, as ONGs poderiam correr o risco de, em suas estratégias de atuação comunitária, privilegiar os mecanismos de reforço da imagem institucional ou de sua abordagem particular das questões enfrentadas nos projetos em detrimento da criação de um ambiente no qual os sujeitos locais sejam protagonistas da relação. No caso do Projeto Maternidade Saudável, não se pode afirmar que isso tenha acontecido, na medida em que a avaliação geral das adolescentes e jovens participantes é altamente positiva.

Por fim, cabe ao pesquisador afirmar que o contato com a experiência vivenciada na relação entre educadores e comunidade, no âmbito de um projeto conduzido por ONGs, possibilitou uma percepção mais apurada sobre os mecanismos de comunicação e troca informacional. Foi possível compreender que as interações sociais estabelecidas nesse ambiente apresentam possibilidades e limites distintos para os diversos atores envolvidos. Apresentar-se para o trabalho em um projeto de desenvolvimento social é muito mais do que oferecer conhecimentos e habilidades para a transformação da realidade local; é estar aberto para o diálogo e para a

possibilidade de uma construção conjunta do aprendizado, que reúne os conhecimentos acadêmico e prático.

Por essa perspectiva, o trabalho desenvolvido representou para o pesquisador uma possibilidade de avanço profissional, na medida em que teve a oportunidade de lançar um olhar aprofundado sobre o tema com o qual lida no dia a dia, sem os fatores condicionantes da rotina profissional. O interesse pelo objeto de pesquisa foi, pois, renovado pelas conclusões do estudo.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, L. Representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação em tempo e espaço digitais. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n.15, p.1-23, 1º sem. 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023* Informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002. 24 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14724* Informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002. 6 p.

BAUDRILLARD, J. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BELKIN, N.; ROBERTSON, S. Information science and the phenomenon of information. *Journal of the American Society for Information Science*, v.34, n.4, jul./aug. 1976.

BENJAMIM, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORDIEU, P. *O poder simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BROOKES, B. C. The foundations of information science – part I: philosophical aspects. *Journal of Information Science*, v.2, p.125-133, 1980.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. The concept of information. *ARIST*, v.37, Chapter 8, p. 343-411, 2003.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: V ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. *[Anais eletrônicos...]* Belo Horizonte: Escola de Ciência da informação da UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

CLEMENTE, J.; LIBERAL, M. A influência das ONGs na formulação de políticas sociais. In: PRANDO, R. *et al. Marketing para o terceiro setor*. São Paulo: Mackenzie, 2006, p. 24-36.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v.29, n.2, p.37- 42, maio/ago., 2000.

DUPAS, G. *Tensões contemporâneas entre o público e o privado*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FERNANDES, R. C. *Privado porém público: o terceiro setor na América*. Rio de Janeiro: Relume –Dumará, 1994.

FERNANDES, R. C.; CARNEIRO, L. P. *ONGs anos 90: a opinião dos dirigentes brasileiros*. Rio de Janeiro: ISER, 1991. In: MARTELETO, R. M.; RIBEIRO, L. B. Informação e construção do conhecimento para a cidadania no terceiro setor. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.11, n.1, p.57-85, jan./jun. 2001.

FRANÇA, J. L.; VASCONCELOS, A. C. de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 7. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. 242 p. (Aprender).

GARRISON, J. *Do confronto à colaboração, relações entre a sociedade civil, o Governo e o Banco Mundial no Brasil*. Brasília: Banco Mundial, 2000.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1987.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. O objeto de estudo da ciência da informação: paradoxos e desafios. *Ciência da Informação*, Brasília, v.19, n.2, p.117-122, jul./dez., 1990.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, M. de A. *O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2002. p. 25-47.

MARTELETO, R. M. Conhecimento e sociedade: pressupostos da antropologia da informação. In: AQUINO, M.A. *O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2002. p. 101-115.

MARTELETO, R. M.; RIBEIRO, L. B. Informação e construção do conhecimento para a cidadania no terceiro setor. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.11, n.1, p.57-85, jan./jun. 2001.

MEDINA, C. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MINAYO, M. C. S. (Org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis(RJ): Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. *Da necessidade de um pensamento complexo*. In: *Para navegar no século XXI*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1991.

NASSIF, Mônica. *A informação e o conhecimento na Biologia do Conhecer: uma abordagem cognitiva para os estudos sobre inteligência empresarial*. 2002. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

NASSIF, Mônica *et al.* A ciência da informação discutida à luz das teorias cognitivas: estudos atuais e perspectivas para a área. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, Lisboa, Portugal, n.2, p.81-91, 2004.

PRANDO, R.; FIGUEIREDO, M. A. O que é terceiro setor. In: PRANDO, R. *et al.* *Marketing para o terceiro setor*. São Paulo: Mackenzie, 2006, p.14-22.

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994. Tomo 1.

SANTOS, B. de S. *Um discurso sobre as ciências*. 13. ed. Porto: Afrontamento, 2002.

SORJ, B. *A democracia inesperada: cidadania, direitos humanos e desigualdade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

SFEZ, L. Informação, saber e comunicação. *Informare*, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.5-13, jan./jun. 1996.

SHERA, J. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 9-12, 1977.

SHERA, J. The sociological relationships of information science. *Journal of the American Society for Information Science*, v.22, n.1, p. 76-80, march/april, 1971.

SHERA, J. Toward a theory of librarianship and information science. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.87-97, 1973.

SHERA, J. H. *What is librarianship?* Louisiana Library Association, v.24, n.3, p.95-97, Fall, 1961. In: ZANDONADE, T. *As implicações da epistemologia social para uma teoria da recuperação da informação*. 2003. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

TOURAINE, A. *Crítica da modernidade*. 7. ed. Petrópolis(RJ): Vozes, 2002.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. *Information Processing & Management*, v.29, n.2, p.229,239, mar., 1993.

ZANDONADE, T. *As implicações da epistemologia social para uma teoria da recuperação da informação*. 2003. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

**ANEXO I: QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS ADOLESCENTES E JOVENS****Identificação**

Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade (Estudou até que série): \_\_\_\_\_

1) Você estava estudando durante o período em que participou do Projeto Maternidade Saudável?

( ) Não

( ) Sim. Em qual série? \_\_\_\_\_

2) Você está envolvida em alguma atividade comunitária? (Por exemplo: Igreja, grupos de jovens, grupos culturais)

( ) Não

( ) Sim. Em qual atividade? \_\_\_\_\_

3) Por que você decidiu participar do Projeto Maternidade Saudável?

( ) Porque eu queria aprender como ter uma gravidez melhor

( ) Porque minha família pediu que eu participasse

( ) Por causa dos benefícios oferecidos pelo projeto (bolsa-auxílio, alimentação e outros)

( ) Por outro motivo (descrever): \_\_\_\_\_

4) Você vivia com o pai de seu filho quando ficou grávida?

( ) Sim ( ) Não

5) Como era o seu relacionamento com sua família no período da gravidez?

( ) Muito bom ( ) bom ( ) ruim ( ) péssimo

6) Como ficou a relação com sua família depois que você participou do Projeto Maternidade Saudável?

Não mudou em nada  melhorou  piorou

7) Como era o seu relacionamento com o pai de seu filho no período da gravidez?

Muito bom  bom  ruim  péssimo

8) Como ficou o seu relacionamento com o pai de seu filho depois de ter participado do Projeto Maternidade Saudável?

Não mudou em nada  melhorou  piorou

9) Em que intensidade você considera que o Projeto Maternidade Saudável foi responsável pelas mudanças no seu relacionamento com sua família e com o pai de seu filho?

Muito  Mais ou menos  pouco  Nada

10) Que grupos ou organizações ofereceram informações e apoio para o seu aprendizado durante o Projeto Maternidade Saudável?

A Visão Mundial

A Ação Comunitária Sal da Terra

Os educadores do projeto

Outro grupo (informar): \_\_\_\_\_

11) O que você conhece sobre a Visão Mundial?

Nunca ouvi falar sobre esta organização

Já ouvi falar sobre a Visão Mundial, mas não sei qual é o trabalho dela na comunidade

Conheço a Visão Mundial e tenho informações sobre o trabalho que ela realiza na comunidade

12) O que você conhece sobre a Ação Comunitária Sal da Terra?

Nunca ouvi falar sobre esta organização

Já ouvi falar sobre a Ação Comunitária Sal da Terra, mas não sei qual é o trabalho dela na comunidade

Conheço a Ação Comunitária Sal da Terra e tenho informações sobre o trabalho que ela realiza na comunidade

13) Com relação às informações que você recebeu para seu aprendizado durante o Projeto Maternidade Saudável, você diria que:

Ajudaram a esclarecer todas as dúvidas que eu tinha

Foram importantes, mas deixaram de esclarecer muitas dúvidas

Tiveram pouca importância para mim

Não tiveram importância alguma para mim

14) Em relação à sua participação no Projeto Maternidade Saudável, você apontaria como o fator mais importante para que você conseguisse aprender os ensinamentos:

As informações transmitidas durante as atividades

A forma como os educadores se relacionaram com o grupo e apresentam os ensinamentos

O contato com outras jovens durante as atividades

O meu próprio esforço para aprender

Outro fator (descrever): \_\_\_\_\_

15) Quais foram suas maiores dificuldades para aprender os ensinamentos transmitidos pelos educadores do projeto?

- Eu não conseguia compreender as coisas que eram ensinadas
- Os educadores transmitiam muitas informações e eu não conseguia guardar tudo o que era dito
- Eu não conseguia me concentrar nas atividades
- Eu não tive nenhuma dificuldade
- Minhas dificuldades foram outras (descrever): \_\_\_\_\_

---

---

16) Sobre a forma como foram transmitidas as informações e os ensinamentos durante as atividades do Projeto Maternidade Saudável, você acha que:

- Os educadores diziam as coisas de maneira clara e, por isso, as jovens aprenderam como utilizar os ensinamentos na prática
- Os educadores não sabiam dizer as coisas de maneira clara. Mesmo assim, as jovens conseguiram aprender os ensinamentos porque buscaram mais informações com outras pessoas
- Os educadores não sabiam dizer as coisas de maneira clara e, por isso, as jovens não conseguiram aprender os ensinamentos
- Outra opinião (descrever): \_\_\_\_\_

17) O que você diria sobre as informações que já tinha antes de participar do Projeto Maternidade Saudável?

- Eu sabia muita coisa sobre gravidez e cuidados com o bebê
- Eu sabia algumas coisas sobre gravidez e cuidados com o bebê
- Eu não sabia nada sobre gravidez e cuidados com o bebê

( ) Outra opinião (descrever): \_\_\_\_\_

---

18) Como ficou o seu conhecimento em relação à gravidez e cuidados com o bebê depois de participar do projeto Maternidade Saudável?

( ) Eu aprendi muito mais do que sabia

( ) Eu aprendi algumas coisas novas

( ) Eu não aprendi nada de novo

( ) Outra opinião (descrever): \_\_\_\_\_

---

19) Durante o Projeto Maternidade Saudável você buscou informações sobre gravidez e cuidados com o bebê em outros locais e com outras fontes?

( ) Não ( ) Sim

20) Onde você buscou mais informações?

( ) Na televisão

( ) Em revistas

( ) Na escola

( ) Com amigos

( ) Com a família

( ) Outra opção: \_\_\_\_\_

21) Se você pudesse avaliar seus conhecimentos antes e depois de participar do Projeto Maternidade Saudável, diria que as coisas que aprendeu no projeto fizeram você compreender melhor o que estava acontecendo na sua vida?:

( ) Sim ( ) Não

22) Se você pudesse avaliar seus conhecimentos antes e depois de participar do Projeto Maternidade Saudável, diria que as coisas que aprendeu no projeto vão ajudar você a ter um futuro melhor?:

Sim    Não

23) Se você pudesse definir os resultados que a participação no Projeto Maternidade Saudável trouxeram para a sua vida, diria que:

Aprendi muitas coisas e valeu a pena ter participado do projeto

O projeto não mudou em nada minha vida, mas não me arrependo de ter participado

O projeto não mudou em nada a minha vida e, se pudesse voltar atrás, não teria participado

Tenho outra opinião (descrever): \_\_\_\_\_

**ANEXO II: QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS EDUCADORAS E PROFISSIONAIS****Identificação**

Nome: \_\_\_\_\_

Área de formação profissional (em relação ao trabalho realizado no projeto Maternidade Saudável): \_\_\_\_\_

Durante quanto tempo atuou no Projeto Maternidade Saudável?: \_\_\_\_\_

1) Na sua opinião, qual foi a motivação inicial da maior parte das adolescentes e jovens que participaram do projeto Maternidade Saudável?

- O desejo pessoal de adquirir conhecimentos novos para conviver com a maternidade
- A pressão exercida pela família
- Os benefícios oferecidos pelo projeto (bolsa-auxílio, alimentação e outros)
- Outro motivo (descrever): \_\_\_\_\_

2) Sobre o planejamento e as opções pedagógicas do projeto Maternidade Saudável, você diria que:

- As ações planejadas foram bem executadas e permitiram às participantes assimilar conhecimentos novos sobre a maternidade e os cuidados com o bebê
- As ações planejadas foram bem executadas, mas, ainda assim, as participantes não assimilaram totalmente os conhecimentos sobre a maternidade e os cuidados com o bebê.
- As participante não assimilaram totalmente os conhecimentos sobre a maternidade e os cuidados com o bebê porque as ações do projeto não foram adequadamente planejadas e/ou executadas
- Outra opção (descrever): \_\_\_\_\_

3) Justifique a resposta dada na questão anterior

4) Qual é a sua opinião geral sobre o impacto das informações transmitidas para as participantes do projeto?

5) Como você avalia a importância de cada um dos seguintes fatores para o processo de assimilação de conhecimento por parte das jovens do Projeto Maternidade Saudável?

a) A capacidade cognitiva (competência para decodificar informação)

Muito importante  Importante  pouco importante  Nenhuma importância

b) O acesso e compartilhamento de informações por outros meios

Muito importante  Importante  pouco importante  Nenhuma importância

c) O acúmulo de informações anteriores

Muito importante  Importante  pouco importante  Nenhuma importância

d) Inserção social (inserção familiar, em grupos comunitários, na escola etc)

Muito importante  Importante  pouco importante  Nenhuma importância

e) Capacidade de conectar passado, presente e futuro (dando sentido às informações compartilhadas)

Muito importante  Importante  pouco importante  Nenhuma importância

6) Dentre os fatores citados na questão anterior, qual você consideraria o mais importante para o processo de assimilação de conhecimento no Projeto Maternidade Saudável?

A capacidade cognitiva (competência para decodificar a informação)

O acesso e compartilhamento de informações por outros meios

O acúmulo de informações anteriores

Inserção social

Capacidade de conectar passado, presente e futuro

Outro (Citar): \_\_\_\_\_

7) Por que você consideraria como mais importante o fator citado na questão anterior?